

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

FLÁVIA RENATA MARTINS

SENSIBILIDADES EM FOCO:
A FOTOGRAFIA NO ENSINO DE HISTÓRIA

UBERLÂNDIA/MG

2026

FLÁVIA RENATA MARTINS

**SENSIBILIDADES EM FOCO:
A FOTOGRAFIA NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como pré-requisito para conclusão do curso de graduação em História – Licenciatura, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Nara Rúbia de Carvalho Cunha.

UBERLÂNDIA/MG

2026

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

M386 2026	Martins, Flavia Renata, 1975- Sensibilidades em Foco [recurso eletrônico] : A Fotografia no Ensino de História / Flavia Renata Martins. - 2026. Orientadora: Nara Rúbia de Carvalho Cunha. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em História. Modo de acesso: Internet. Inclui bibliografia. Inclui ilustrações. 1. História. I. Cunha, Nara Rúbia de Carvalho, 1978-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em História. III. Título. CDU: 930
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

FLÁVIA RENATA MARTINS

**SENSIBILIDADES EM FOCO:
A FOTOGRAFIA NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como pré-requisito para conclusão do curso de graduação em História – Licenciatura, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Nara Rúbia de Carvalho Cunha.

10 de março de 2026

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Nara Rúbia de Carvalho Cunha – orientadora
(Universidade Federal de Uberlândia – UFU)

Profa. Dra. Iara Toscano Correia
(Universidade Federal de Uberlândia – UFU)

Profa. Tamyris Cristina de Castro
(Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais)

UBERLÂNDIA/ MG

2026

*Dedico este trabalho à minha mãe, a
professora mais importante de toda minha
vida.*

AGRADECIMENTOS

Quando se é criança, pensa-se muito no que seremos quando crescermos. Eu muito cedo soube que seria psicóloga, mas com o tempo uma força do inconsciente familiar foi me tomando e me tornando uma professora também. Minha mãe é professora aposentada (inclusive foi minha professora), assim como suas irmãs (minhas tias) que foram professoras (de Português e educação infantil). Sou de uma família de professoras, e quero profundamente agradecer a esta energia familiar tão poderosa que me guiou e me guia, e me trouxe a este curso tão maravilhoso, onde me vejo plenamente feliz podendo realizar meus talentos e dar também continuidade na linha geracional das professoras da família.

Meus agradecimentos a meus pais que sempre foram tudo na minha vida. Sei que meu pai está feliz lá da vastidão que habita, me vendo servir ao próximo pela senda do conhecimento. À minha mãe, que está podendo ver minha jornada no curso de História, um agradecimento profundo por sempre ter me incentivado a viver os talentos de meu Ser.

Agradeço também meus cachorros, *Joy* e *Tobias*: as melhores companhias que poderia ter, sempre tornando o ambiente mais leve e alegre durante a árdua tarefa de ficar horas e horas sentada pensando e escrevendo,

Meus agradecimentos também à professora Nara, por ter aceito me orientar nesta jornada de epifanias ao longo do curso, e aguentar minhas complexidades nem sempre fáceis de serem compreendidas. À professora Iara, pelas mágicas aulas inesquecíveis e por tão gentilmente ter aceito meu convite de compor a banca para esta defesa. Agradeço também à professora Tamiris que como um anjo de luz abriu as portas para que este trabalho pudesse ser realizado em sua prática e por também ter aceito o convite para compor a banca.

Por fim, agradeço ao meu Ser, à minha essência, a quem sempre procuro voltar meus ouvidos para escutar os verdadeiros chamados; ao Deus que me habita e me faz quem verdadeiramente SOU.

“Não fazemos uma foto apenas com uma câmara; ao ato de fotografar trazemos todos os livros que lemos, os filmes que vimos, a música que ouvimos, as pessoas que amamos.”

Ansel Adams

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo a aproximação e o diálogo entre fotografia e ensino de História, a partir das contribuições da cultura visual, do estudo sobre as imagens e da história da educação dos sentidos e das sensibilidades no contexto escolar. Parte-se da compreensão de que o olhar não é neutro, mas historicamente construído, sendo possível trabalhá-lo através de práticas em sala de aula que mobilizem experiências sensíveis e interpretativas. Neste sentido, a pesquisa buscou analisar a inserção da fotografia como mediação didática para a aprendizagem histórica, articulando teoria e prática. Metodologicamente, a pesquisa promove uma leitura da fotografia numa experiência didática, fazendo uma avaliação da própria prática. Desenvolveu-se uma oficina de fotografia com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, durante as aulas de História, na Escola Estadual Segismundo Pereira, na cidade de Uberlândia – MG. Esta foi estruturada em atividades de produção de imagens (fotos) relacionadas a dimensões do cotidiano dos alunos – como família, relações interpessoais na escola, e os espaços da escola – concebidas como experiências de observação, enquadramento e significação do vivido. O percurso analítico fundamentou-se em autores como Roland Barthes, Ana Maria Mauad, Etienne Samain, Marcus Taborda Oliveira entre outros, que possibilitaram compreender a imagem como linguagem, prática social e experiência sensível. Ao privilegiar o fazer fotográfico e a interpretação de imagens como práticas formativas, a pesquisa problematiza o ensino de História para além da dimensão conteudista, focalizando na construção de memórias, de sentidos e de pertencimento no espaço escolar. A fotografia é assim, abordada como mediação pedagógica e exercício de educação dos sentidos e das sensibilidades, no qual olhar, registrar e interpretar constituem formas de relação com o tempo histórico, com o espaço vivido e com a própria experiência de se sentir sujeito histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Ensino de História; Sensibilidades; Escola.

ABSTRACT

The present research has as its object of study the approximation and dialogue between photography and the teaching of History, based on the contributions of visual culture, the study of images and the history of educations of senses and sensibilities in the school context. It is based on the understanding that the gaze is not neutral, but historically constructed, and it is possible to work on it through classroom practices that mobilize sensitive and interpretative experiences. In this sense, the research sought to analyze the insertion of photography as a didactic mediation for historical learning, articulating theory and practice. Metodologically, the research promotes a reading of photography in a didactic experience, making an evaluation of one's own practice. A photography workshop was developed with students of the 8th grade of Elementary School, during History classes at Segismundo Pereira State School, in the city of Uberlândia – MG. This was structured in activities of production of images (photos) related to dimensions of the student's daily lives – such as family, interpersonal relationships at school, and school spaces – conceived as experiences of observation, framing and giving meaning to lived experiences. The analytical approach was based on authors such as Roland Barthes, Ana Maria Mauad, Etienne Samain, Marcus Taborda Oliveira, among others, who made it possible to understand the image as a language, social practice, and sensory experience. By prioritizing photography and image interpretation as formative practices, the research questions the teaching of History beyond the content dimension, focusing on the construction of memories, meanings, and belonging in the school environment. Photography is thus approached as a pedagogical mediation and an exercise in educating the sense and the sensibilities, in which looking, recording, and interpreting constitute ways of relating to historical time, lived space, and the very experience of feeling like a historical subject.

KEYWORDS: Photography; History Teaching; Sensibilities; School.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: O lugar dos amigos e dos jogos.....	46
Figura 2: A árvore da escola.....	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CAPÍTULO 1: APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA	19
1.1 Breve Histórico do Desenvolvimento da Fotografia.....	19
1.1.1 <i>A Fotografia no Campo da História e a Cultura Visual</i>	21
1.1.2 <i>Educação dos Sentidos e a Capacidade das Imagens de Ensinar</i>	23
1.2 Aproximações Teórico-Metodológicas entre Fotografia e Ensino de História: uma abordagem Possível Para o Ensino.....	25
2 CAPÍTULO 2: O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA NO AMBIENTE ESCOLAR	34
2.1 Planejamento e Desenvolvimento das Atividades: Leitura Crítica	36
2.2 Análise das Fontes Produzidas Durante as Atividades Didáticas	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
ANEXOS.....	53

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa nasce de um questionamento pessoal a partir de minha prática em meus projetos de viagens com fotografia, juntamente com meus questionamentos como estudante de licenciatura em História. Tal questionamento é: de que maneira a fotografia pode tornar o ensino de História uma experiência mais sensível, reflexiva, uma janela para ver os acontecimentos históricos a partir do olhar que se lança sobre imagens, sejam elas fotos de momentos históricos, fotos como fonte histórica, bem como feitas a partir do olhar do próprio aluno sobre seu cotidiano escolar. A possibilidade de ver a fotografia dialogando com o ensino de História e despertando sentidos e sensibilidades, capaz de mobilizar experiências, afetos e interpretações históricas no espaço da sala de aula; e não somente sendo vista e usada como recurso ilustrativo ou complemento visual dos conteúdos escolares.

Mais do que analisar imagens prontas, proponho refletir sobre o próprio ato de fotografar e de ler fotografias (imagens) como exercício de pensamento histórico. Interessa-me compreender como, ao produzir e interpretar imagens, os estudantes mobilizam sensibilidades, constroem narrativas sobre o tempo, seus espaços, principalmente o escolar, e se reconhecem como sujeitos históricos. Ao situar esta investigação no campo da cultura visual e da história da educação dos sentidos e das sensibilidades, assumo a fotografia como prática cultural que educa percepções, organiza afetos e revela modos contemporâneos de ver e sentir. É nesse cruzamento entre imagem, experiência e ensino que se inscreve o objeto desta pesquisa.

Minha relação direta com a fotografia começa de fato em 1994, quando me inscrevi para um curso de fotografia oferecido pela Prefeitura Municipal de Uberlândia (PMU). Na época, eu era estudante de Psicologia da UFU, e a profundidade de meu Ser nunca me deixava estudar um assunto só. Eu sempre queria navegar em águas diferentes do conhecimento, e as Artes sempre me fascinaram. Eu acabei não terminando o curso de fotografia, e aquilo me deixou um vazio que eu sabia que um dia meu Ser me cobraria.

Morando em São Paulo, comecei a viajar por diferentes cidades pelo SESC (Serviço Social do Comércio). E essas viagens nunca eram ordinárias. Todas tinham guias que nos davam aulas de história dos lugares visitados e o tipo de turismo que o SESC praticava era chamado de Turismo Social. Eu amava com força aquelas viagens. Foi então que comecei a sentir falta de registrar, em imagens, os lugares por onde eu passava. Me lembro de achar chato usar o celular para fotografar paisagens e objetos. Na época, os

celulares não tinham as câmeras aperfeiçoadas como hoje. Eu queria era ter um equipamento digno das imagens que eu via, um equipamento no mínimo semiprofissional. Foi então que comprei minha primeira câmera semiprofissional digital. Eu já tinha tido uma analógica. Mas agora os tempos eram digitais.

Logo fui treinando e tendo dicas de uma amiga que é fotógrafa profissional. Juntas começamos a viajar pelas cidades de São Paulo e a registrar nossas passagens por elas. Foi então que tive a ideia de montar um projeto fotográfico no *Instagram* em que mostrássemos a todos nosso olhar. E esse olhar era totalmente poético, onde através de um simples olhar que lançamos sobre algo e que é registrado pelos clicks da câmera, evidenciamos o belo, o poético que existe nas coisas comuns do dia a dia, nos objetos inertes e sem utilidade, nas ruínas de um prédio que um dia foi importante e agora está decadente, escancarando a evidência da ação do tempo em tudo e todos, e o belo que existe nesse processo. Munidas deste olhar, de nossas câmeras e da grande vontade em desbravar o Brasil (aos poucos), nasceu em 2016 a Galeria Gartin. Uma galeria itinerante, de fotos exclusivas de nossas viagens pelas cidades do Brasil, tiradas por nós duas.

Paralelo às viagens, nos finais de semana fazíamos a venda de nossas fotos em uma banquinha montada na rua de casa no bairro da Santa Cecília em São Paulo, também na Avenida Paulista e em eventuais feiras itinerantes. Nossas imagens eram vendidas em papel fotográfico, em ímãs fotográficos, em pôsteres, e vendíamos quadros de diferentes tamanhos com nossas imagens. Tudo era vendido na rua para que as pessoas pudessem ter acesso a esta arte que muitos consideram inacessível pelo preço dos equipamentos e das revelações. Nosso intuito foi sempre mostrar que a fotografia podia ser acessível e comprada a um preço relativamente possível para qualquer bolso. Oficialmente, a Galeria Gartin fez três exposições em São Paulo, onde nossa arte ficou exposta por longos dias para apreciação das pessoas. No final de 2025, a Galeria Gartin encerrou suas atividades nas ruas e também no *Instagram* tendo existido por 8 anos. No final de 2025 dei início a um novo projeto fotográfico: Imagens e Cidades, também no *Instagram*; desta vez sozinha. O projeto consiste em viajar para visitar cidades e trazer a história destas, falando de suas origens e fotografando lugares de memória, lugares históricos e de importância para as mesmas. Um projeto que une Fotografia e História.

O interesse pelas artes me levou à Fotografia, que por sua vez, me levou a estudar História. Durante as viagens, com acompanhamento de guias, eu ia me encantando com a possibilidade de fazer de minhas viagens não só momentos de lazer e prazer, mas também

de enriquecimento de conhecimento e cultura. E hoje eu me vejo me formando em História e trazendo a fotografia para meus estudos.

No curso de História, na disciplina de PROINTER II, eu e dois colegas nos juntamos para montar um projeto. Minha vontade era de trabalhar com fotografia e imagens, enquanto a vontade dos meus colegas era trabalhar com temas sobre museus. Foi assim que nasceu o projeto “A Construção social da memória de Uberlândia perspectivada por imagens” sob a orientação da professora Dra. Nara Rúbia de Carvalho Cunha. Na disciplina PROINTER III o projeto foi colocado em prática na Escola Municipal Hilda Leão Carneiro, no bairro Morumbi em Uberlândia. Um projeto recheado de materiais didáticos, onde usamos fotos do século passado da cidade de Uberlândia provenientes do arquivo do memorialista João Quituba, (acervo do CEDHIS), cartões postais com imagens da cidade compiladas pela historiadora Caroline Rizzotto, álbuns de figurinhas sobre a cidade, do artista George Tomaz; utilizamos a mala de sensibilidades do projeto De mala e Cuia do Museu Municipal de Uberlândia; projetamos dois documentários sobre a cidade de Uberlândia: Uberlândia Cidade Menina e o documentário Memória Monumento de Roberto de Camargos. O projeto foi um sucesso e rendeu frutos. Montamos e ministramos uma oficina sobre materiais didáticos no LEAH (Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História) na UFU. Escrevemos um artigo científico intitulado Cultura visual e memória no ensino de história local: projeto educativo em Uberlândia (2023-2024), que foi publicado em 2025 na revista Temporalidades da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais); além de duas apresentações no SEILIC (Seminário das Licenciaturas) da UFU, em 2024 e 2026, a primeira em grupo e a segunda individualmente.

A fotografia sempre esteve em minha vida como uma forma de arte, de capturar os instantes e vê-los primeiramente como momentos congelados pelas escolhas do meu inconsciente e depois pela agilidade de meus dedos e perícia de meu conhecimento técnico em fotografia. Porém, ao começar a estudar História, a fotografia inunda meus olhos com registros de fatos históricos, muitas vezes chocantes e mobilizadores de emoções.

Observando tal aspecto, percebi que, uma vez tendo associado um tema do estudo da História com imagens, uma espécie de cristalização daquelas imagens não deixava que me esquecesse do conteúdo aprendido. A fotografia, mais que qualquer outra forma imagética, ratifica o fato, o acontecimento, guarda a memória e fortalece o aprendizado. Para que aquela imagem desapareça, só rasgando, queimando, destruindo aquele artefato. Porém, as impressões que ela deixa em nós, estas jamais são destruídas em vida, a não ser

por alguma doença degenerativa que afete a memória. Mas ainda assim, as células respondem à presença de estímulo e a lembrança se apresenta.

A fotografia é uma associação de vários elementos componentes de nossa essência enquanto seres humanos vivos, pensantes e em interação com o todo. São eles: a memória, os sentimentos, o raciocínio, as sensações, a poesia, o instinto. São tantos os processos que ocorrem ao olhar uma cena e apertar um botão para eternizar aquele momento. Este processo é belo, simples e complexo ao mesmo tempo. Ele revela a capacidade humana de estar além dos outros animais. Pois em um simples gesto, uma infinidade de aspectos são acionados e produzem resultados que podem gerar os mais diferentes comentários e críticas. Pode salvar uma vida, ou assistir ao seu momento de partida; pode revelar o belo ou o feio; pode mostrar a luta de um povo ou a coragem de um indivíduo. Por tudo isso, a fotografia se apresentou como mais uma forma de expressão do meu Ser, e também como uma forma de captação do conhecimento. A fotografia tem lastro, ela reclama um momento, ela diz que algo aconteceu, mesmo que seja manipulado. Ela registra, condena, aponta, instrui, denuncia, grita, salva. Seus resultados (fotos) podem sempre ser preservados e guardados, ser visitados, revisitados e servem como origem para perguntas e respostas solucionadoras.

É difícil fazer caber dentro de uma alma de fotógrafo todo esse além da fotografia, técnica e arte. É preciso ter um olhar histórico, uma “sensibilidade histórica” e preparada para assimilar o que uma imagem pode revelar. Sebastião Salgado, o grande fotógrafo brasileiro, falecido recentemente, muito me encantava porque suas fotos não eram só artísticas, mas porque revelavam o mundo em que vivíamos e ao mesmo tempo revelavam o homem que ele era. Para ter uma “sensibilidade histórica” como a que ele tinha, é preciso ser grande, e permitir-se deixar-se ser um grande Ser. Suas fotos são denúncias sociais e antropológicas. Sua vida pessoal foi um grande desafio, até que numa virada de vida ele se abriu por completo ao chamado da fotografia e através dela nos deixou um legado incorruptível de como o homem tem se tratado, tratado a natureza e tratado os seus semelhantes. Sua obra vai para além da arte, ela encontra a História, ela faz História. E como suas fotos rodaram o mundo em exposições, viraram livros e comoveram plateias. Essa força vem dele através da fotografia. Como não usar o melhor de nós por meio de uma forma tão poderosa de mobilização, de revolução. É assim que vejo a fotografia. E tomá-la como meio para que a História seja retratada, aprendida e assimilada de maneira indelével, é o mínimo que posso fazer para tornar meus alunos mais fortes, mais pensantes,

mais sensíveis, mais conhecedores, mais lutadores e mais críticos e atentos ao mundo em que vivem. E sabendo que a História a ser apreendida não é somente essa que se aprende na escola, mas a história de cada um, num processo histórico pessoal, que se integra ao coletivo e de forma social se transforma nessa que constrói, destrói e forja heróis e bandidos, em todos os lugares onde há um ser humano.

O percurso desta pesquisa teve início com um levantamento bibliográfico que buscou mapear como a relação entre fotografia e História vem sendo abordada no campo acadêmico. A primeira busca foi realizada no *Google Acadêmico*, a partir das palavras-chave “Fotografia e História”, resultando em 12 trabalhos – entre eles 10 artigos científicos, uma dissertação e um relatório de estágio. Esses textos evidenciaram que a fotografia tem sido amplamente discutida como fonte histórica e como objeto da História Cultural revelando um campo já consolidado de reflexões sobre a imagem enquanto documento e narrativa do passado.

Em um segundo momento, ampliei a investigação para o repositório institucional da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), especialmente na aba do Instituto de História (INHIS), contemplando dissertações acadêmicas, produções do ProfHistória e Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). Embora a maioria dos trabalhos encontrados estivesse centrada na fotografia como fonte histórica – e não especificamente em sua dimensão pedagógica no ensino de História – esses estudos contribuíram significativamente para a compreensão da trajetória da fotografia e de suas aproximações com a História no campo da historiografia.

Buscando aproximar ainda mais o levantamento do recorte desta pesquisa, realizei uma terceira busca no banco de teses da CAPES, utilizando as palavras-chave “Fotografia e ensino de História”. O sistema apresentou 666 resultados, dos quais selecionei oito dissertações, tanto de mestrado acadêmico quanto do ProfHistória. A expressiva quantidade de trabalhos encontrados indica que há interesse crescente de pesquisadores e professores de universidades - alguns já famosos pesquisadores da área da fotografia junto à História, como Ana Maria Mauad, entre outros - pela temática, o que demonstra a relevância e a atualidade do debate. Ao final das três buscas, foram selecionados 16 documentos que dialogam com a proposta desta investigação.

Além dos artigos, dissertações e demais produções acadêmicas. Elegi, inicialmente, três obras como fundamentos teóricos centrais do estudo: *A Câmara Clara*, de Roland Barthes (2015); *Como Pensam as Imagens*, de Etienne Samain (2022); e *Ensino de*

História: Fundamentos e Métodos, de Circe Maria Fernandes Bittencourt (2005). Esses textos constituem o alicerce conceitual da pesquisa, permitindo articular fotografia, cultura visual, sensibilidades e prática pedagógica. Somado aos demais materiais incorporados ao longo da escrita, tais como: as contribuições dos artigos de Ana Maria Mauad, os artigos de Marcus Tabora Oliveira sobre a história da educação dos sentidos e das sensibilidades, esses referenciais compõem o aporte teórico-metodológico que sustenta a análise desenvolvida nesta pesquisa.

Alguns trabalhos encontrados durante as buscas (no levantamento bibliográfico) que contribuíram para a pesquisa são: fotografia e ensino: *Uso e aplicação da fotografia no processo de aprendizagem no ensino de História e educação patrimonial*, de Clara Zandomenico Malverdes (2017). Sua pesquisa acadêmica demonstra, a partir de uma experiência concreta, que a fotografia pode deixar de ocupar um lugar meramente ilustrativo no ensino de História e assumir função ativa na construção do conhecimento. Sua dissertação contribui ao articular fotografia e patrimônio, ampliando a compreensão da imagem como mediadora entre memória, identidade e pertencimento. Ao fotografar bens patrimoniais e refletir sobre eles, os alunos passam a se reconhecer como sujeitos inseridos em uma história local e coletiva. Esse movimento do trabalho de Malverdes é relevante para meu trabalho, pois é ancorado na história das sensibilidades, evidenciando como a experiência com a imagem envolve dimensões afetivas, simbólicas e subjetivas do aprendizado em História. Outro trabalho encontrado e que se aproximou de minha pesquisa foi: *O resgate da identidade através da memória: o uso da fotografia no ensino de história – um estudo de caso*, de Daniela Baeta dos Santos (2019). Nossas pesquisas convergem em alguns pontos: quando a autora demonstra que o contato com fotografias possibilita aos alunos reconhecerem-se como sujeitos históricos. A imagem deixa de ser apenas um documento do passado e passa a atuar como dispositivo de evocação de lembranças, narrativas e pertencimentos. Outro aspecto relevante é o enfoque metodológico no estudo de caso, que evidencia a potência da prática em sala de aula como espaço de investigação. Assim como em minha pesquisa, há uma valorização da experiência concreta com os alunos, mostrando que o ensino de História pode se tornar mais motivador e revelador quando articula conteúdos históricos com vivências pessoais e memórias sociais.

Para dar conta das reflexões abordadas por esta pesquisa, esta monografia organiza-se em três movimentos que se entrelaçam. No primeiro capítulo intitulado Aporte teórico-metodológico da pesquisa, apresento primeiramente, um breve histórico da história

da fotografia e seu desenvolvimento no mundo e no Brasil, bem como mostro a fotografia no campo da História e sua importância no campo da cultura visual. Também são abordadas as contribuições da história da educação dos sentidos e das sensibilidades. Na segunda parte do capítulo, apresento as aproximações teórico-metodológicas entre fotografia e ensino de História, apresentando o método de pesquisa utilizado, assim como os autores basilares da pesquisa.

No capítulo II, intitulado O desenvolvimento da pesquisa no ambiente escolar, apresento inicialmente a Escola Estadual Segismundo Pereira¹, onde foram realizadas as aulas. Em seguida apresento o planejamento e o desenvolvimento das atividades, juntamente com uma leitura crítica. Por último, faço a análise das fontes produzidas pelos alunos durante as atividades à luz da história da educação dos sentidos e das sensibilidades, articulando com perspectivas que fundamentam esta pesquisa e, por vezes, em diálogo com outros autores, como o pedagogo francês Philippe Meirieu, que ajudam na compreensão das especificidades observadas no conjunto das fotografias produzidas pelos estudantes.

Por fim, nas considerações finais, retomo o percurso investigativo desenvolvido ao longo da pesquisa, articulando os referenciais teóricos elencados e a experiência prática realizada no contexto escolar. São reunidas reflexões suscitadas pela relação entre fotografia, ensino de História e educação dos sentidos e das sensibilidades, à luz das análises empreendidas sobre as imagens produzidas pelos alunos. Assim, fecha-se este estudo buscando evidenciar as contribuições e alcances da proposta investigada, reafirmando o potencial da fotografia como linguagem sensível para a compreensão das experiências vividas na escola durante as aulas de História.

¹ É importante explicar que a prática que fundamenta este trabalho foi realizada na Escola Estadual Segismundo Pereira. Contudo, destaca-se que a instituição não constitui o objeto específico de investigação deste estudo, tendo apenas viabilizado a realização das atividades práticas que subsidiaram a pesquisa.

1 CAPÍTULO 1: APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA

Este primeiro capítulo tem como objetivo apresentar os fundamentos teórico-metodológicos que sustentam essa pesquisa sobre o uso da fotografia no ensino de História. O capítulo divide-se em duas partes: inicialmente apresenta-se um breve histórico do desenvolvimento da fotografia no mundo e no Brasil. Em seguida mostra-se a fotografia no campo da História e sua importância dentro da cultura visual. Na continuidade, apresenta-se a capacidade das imagens de instruir e ensinar juntamente com as contribuições da história da educação dos sentidos e das sensibilidades, mostrando como os processos educativos envolvem percepções, afetos e modos de ver o mundo. A segunda parte apresenta as aproximações teórico-metodológicas entre fotografia e ensino de História, apresentando o método de pesquisa utilizado, bem como os principais autores que são a base da pesquisa. Dessa forma, o capítulo constrói o arcabouço conceitual que orienta as análises desenvolvidas ao longo do trabalho.

1.1 Breve Histórico do Desenvolvimento da Fotografia

A contemporaneidade nos coloca numa total imersão cotidiana no mundo das imagens, sem que realmente tenhamos noção do quão imersos estamos. Somos uma sociedade fotográfica, onde máquinas fotográficas (mesmo sendo mais um item dos *smartphones*) são comuns e produzem milhões de imagens diariamente, para diversos fins.

Os primórdios da fotografia datam de 1826 com a primeira foto tirada por Joseph Nicéphore Niépce. A fotografia nasce e, despretensiosamente, tem início novas técnicas e tecnologias que causarão uma revolução no mundo. Uma nova forma de captar o visível se desenvolvia, com Louis Daguerre, parceiro de pesquisa de Niépce, aprimorando o processo e desenvolvendo o chamado daguerreótipo². Assim, são tiradas as primeiras fotos de humanos. Logo em seguida, entre 1839 e 1840, William Henry Fox Talbot cria o processo negativo/positivo. Do “negativo” de papel, várias cópias positivas podiam ser feitas. Toma forma, assim, a base da fotografia moderna, cunhando-se, então, o termo fotografia (escrita com a luz).

² O daguerreótipo foi o primeiro processo fotográfico de sucesso comercial, anunciado oficialmente em 1839 pelo francês Louis Jacques Mandé Daguerre na Academia de Ciências de Paris. Ele permitia fixar uma imagem real em uma superfície física, sendo considerado o precursor da câmera fotográfica moderna. Como sugestão de leitura sobre o assunto, visite o artigo “Os 180 anos do invento do daguerreótipo – Pequeno histórico e sua chegada ao Brasil”, no endereço: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=164>

A fotografia apresentava-se ao mundo e se desenvolvia no bojo das transformações econômicas, sociais e culturais da Revolução Industrial, desempenhando papel fundamental enquanto possibilidade de informação e conhecimento, também como instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e ainda, especialmente, como forma e expressão de arte.

A fotografia continua seu processo de desenvolvimento ao longo do século XIX. Não só os negativos vão passando por diferentes formas de serem utilizados e sendo melhorados, mas a própria câmera fotográfica sofre suas transformações, como por exemplo, com a invenção da máquina portátil; “[...] assim, a fotografia se popularizou e se tornou também uma prática dos amadores, marcando uma nova fase social da fotografia” (Canabarro, 2015, p. 105).

A fotografia, desde o seu princípio, foi mais popular do que a obra de arte, quem conseguia um retrato pintado era alguém de um notável poder aquisitivo, e a fotografia era muito mais barata e tornava-se mais acessível com o trabalho dos fotógrafos itinerantes que percorriam as cidades em busca de clientes. Com essa expansão e popularização da fotografia, ela sai dos grandes estúdios da marca dos fotógrafos importantes e torna-se popular e acessível: todos poderiam ser fotografados e ter o seu testemunho visual. (Canabarro, 2015, p. 106)

Quando passa a ser utilizada pela imprensa, a partir de 1880, a fotografia causa um impacto junto aos leitores, pois, a partir de então, tinha-se não somente a escrita, mas também as imagens para comprovar informações divulgadas ao público. A fotografia, através das imagens, passa a se presentificar em livros e revistas ilustradas, criando uma narrativa visual importante para a divulgação da cultura, bem como da ciência e, assim, é incorporada à vida da sociedade.

Embora a fotografia não inaugure a reprodutividade das imagens (precedida por outras técnicas como a xilogravura, litografia, etc.), ela inaugura a era da reprodutividade técnica das imagens, permite que essa reprodução seja muito mais rápida, barata e em massa, bem como considerada mais fiel do que aquelas obtidas pelas tecnologias anteriores.” (Monteiro, 2008, p. 172).

No Brasil, a fotografia se fez presente desde próximo de seus primórdios. Dom Pedro II, imperador do Brasil, tinha um daguerreótipo e era fascinado pela arte. O Brasil, segundo Canabarro, (2015) foi palco de produção de imagens mecânicas, sendo o Rio de Janeiro uma das primeiras cidades na América do Sul a conhecer a fotografia. “Podemos, inclusive, afirmar [...] que temos muitas fotografias no Brasil, e poucos trabalhos que as exploram, razão por que boa parte da história visual brasileira está ainda por ser feita, cabendo a nós historiadores esta tarefa” (Canabarro, 2015, p. 105).

Canabarro (2015) também nos conta que a atuação dos fotógrafos estrangeiros no Brasil ajudou a documentar a transformação urbana do Império no século XIX. Ainda segundo o autor, no século XX a expansão da fotografia no país é admirável, pois ela interioriza-se, deixando de ser privilégio dos grandes centros urbanos e indo para lugares mais distantes, buscando retratar a vida social brasileira. O Sudeste e o Sul do país, devido ao grande número de imigrantes nestas regiões e de fotógrafos vindos do exterior, são exemplos de regiões que possuem imagens que mostram a construção de seu espaço social.

1.1.1 A Fotografia no Campo da História e a Cultura Visual

No campo da História, torna-se clara a importância que a fotografia passa a ter a partir do século XX. Segundo o historiador Ivo dos Santos Canabarro (2015) as imagens são vistas como contribuição para a ampliação da visão dos historiadores, colocando em cena questões totalmente inéditas que as demais fontes não proporcionam, mostrando que as imagens são plausíveis de interpretações múltiplas dependendo do olhar do historiador e de sua habilidade de leitura das mesmas.

A partir da Escola dos *Annales*, nos anos de 1930, a utilização das imagens na construção do conhecimento histórico passa a ser decisiva. De acordo com Canabarro (2015), assiste-se a uma revolução documental. Juntamente com os documentos escritos, as imagens passam a compor o campo de exploração dos historiadores, porém, não ocupando lugar de destaque como fonte ou objeto de estudo e sendo apenas um elemento auxiliar na interpretação histórica. Sobre o fato de as imagens ficarem aquém da escrita na prevalência como fonte histórica pelos estudiosos e historiadores, o historiador Paulo Knauss aponta a mudança havida na segunda metade do século XX:

A afirmação do universo do estudo da história das representações, valorizada pelos estudos da história do imaginário, da antropologia histórica e da história cultural, impôs a revisão definitiva da definição de documento e a revalorização das imagens como fontes de representações sociais e culturais. É nesse sentido que a historiografia contemporânea, em certa medida, promoveu um reencontro com o estudo das imagens. (Knauss, 2006, p. 102)

A Escola dos Annales, em sua terceira geração na França, é de fato a maior inspiração sobre o uso da fotografia para a produção do conhecimento histórico. Historiadores como Jacques Le Goff e Pierre Nora são destaques no uso e na propagação da fotografia como documento histórico, aproximando a história social da fotografia, evidenciando esta como uma fonte.

No Brasil, a discussão sobre o uso da fotografia para o conhecimento histórico é recente e tem como autores destaques Boris Kossoy, Maria Inez Turazzi e Ana Maria Mauad, que incorporaram a fotografia como fonte de pesquisa em seus estudos históricos. Além desses autores, Paulo Knauss aparece como figura central na historiografia brasileira contemporânea, sendo pioneiro na consolidação da História Visual e do conceito de Cultura Visual como campos de pesquisa acadêmica no Brasil. Sua importância reside em tratar a imagem não apenas como ilustração ou reflexo do passado, mas como um agente ativo que constrói realidades e molda a memória social. E é através da cultura visual que a conjunção entre História e Fotografia ganha contornos mais profundos, como afirma a historiadora Cristina Meneguello, outra referência no estudo sobre cultura visual no Brasil. A autora destaca a função e importância do olhar sobre a sociedade, perpassando e evidenciando seus meandros históricos, culturais, identitários e sociais. Segundo Meneguello (2013, p. 8)

A cultura visual reconhece a centralidade do olhar no pensamento ocidental e a centralidade das imagens na produção, na mediação e na apropriação dos sentidos. Deste modo, a cultura visual implica um conjunto de práticas e discursos ativos que produzem o social e que promovem a mediação que possibilita compreender a sociedade.

Ver, olhar, visualizar, criar imagens, olhar imagens, comunicar algo através de imagens... todos estes gestos estão massivamente presentes na sociedade hodierna. A experiência humana tornou-se um fato visual dentro da vida cotidiana, e assim se

fundamenta a cultura visual, não em imagens em si, mas na tendência de viver as experiências de forma visual, uma vez que “a imagem emerge de uma troca simbólica e de um simulacro fabricado para enfrentar a destruição provocada pela passagem do tempo, agenciar a memória, manter a coesão social e, também, exercer o controle político.” (Kern, 2005 apud Monteiro, 2008, p.171)

O gesto de escolher olhar para um determinado lugar ou pessoa, uma determinada cena, e capturar a imagem através do equipamento fotográfico, não é um gesto simples, inocente. Ele é cheio de intenção, determinações culturais, simbolismos e escolhas. E esta imagem técnica, (através da fotografia), deve ainda atrelar seu uso à sua função visual em determinado contexto histórico. Por exemplo, as imagens do fotojornalismo geralmente são:

[...] naturalizadas como a História congelada pelo instantâneo fotográfico quando, de fato, dialogam com o seu tempo, sendo o resultado de uma escolha – tempo e espaço da foto – e de um olhar – definido por quem fotografa ou pelo veículo da foto. Requer-se, para sua análise histórica, uma contextualização mínima: agência ou fotógrafo, data e local. (Mauad, 2015, p. 85)

1.1.2 Educação dos Sentidos e a Capacidade das Imagens de Ensinar

Diante de tanta profundidade e captação do real, do imaginário individual e coletivo, do social, da história, e do que pensa a própria imagem, não poderíamos deixar de falar do poder das imagens em instruir e ensinar.

As imagens são pistas para se chegar a outro tempo, revelam aspectos da cultura material e imaterial das sociedades compondo a relação entre o real e o imaginário social. Dessa forma, nos ensinam conteúdos sobre esse passado que só pode ser apreendido visualmente, numa nova forma de aprender que implica um novo tipo de didática a qual valoriza a imagem visual como forma de conhecimento.” (Mauad, 2015, p. 85-86)

As imagens servem para serem vistas e através delas, também, adquirirmos conhecimento. Ver e conhecer: estas duas ações devem ser correlacionadas no espaço escolar ao se trabalhar com imagens. O papel das imagens pode ser tão importante quanto

o documento escrito verbal, pois através delas é possível transmitir grande número de informações e produzir conhecimentos sobre costumes, crenças, pessoas, assuntos de cunho cultural, político, etc.

Lançar um olhar sobre algo, alguém, um lugar, demanda uma gama de usos dos sentidos e também das sensibilidades. O ato de fotografar está intimamente ligado a estes dois aspectos. E como um campo historiográfico que investiga como a transmissão da cultura molda a percepção sensorial, os afetos e as formas de sentir dos indivíduos ao longo do tempo, essa vertente analisa a educação como um processo que “conforma ou potencializa” os sentidos (visão, audição, tato, etc) e as sensibilidades (emoções e sentimentos) em diferentes momentos e conjunturas sociais. Ao tratar sensações e emoções como dimensões historicamente construídas, essa abordagem revela que educar não é só transmitir saberes, mas também moldar disposições perceptivas – maneiras de olhar, ouvir, tocar e sentir – que tornam possíveis determinados tipos de experiência.

A História da Educação dos Sentidos e das Sensibilidades, teve em Lucien Febre, segundo Oliveira (2018), o primeiro a propor a preocupação com as sensibilidades como necessidade premente de uma história social da cultura, ainda na década de 1950. No entanto, é Peter Gay quem se mobiliza pelo estudo das sensibilidades, com sua obra em cinco volumes sobre a cultura vitoriana. Assim, vemos que este estudo já é objeto dos historiadores há décadas.

Como pontos principais do estudo dos sentidos e das sensibilidades temos o foco no sensível, isto é, no engendramento histórico do que sentimos (sensações e sentimentos). No contexto social, as sensibilidades não são meramente subjetivas: estão ligadas a questões econômicas, políticas e sociais de cada época. Na dimensão do corpo, este é visto como o eixo central da teoria, pois é por meio do corpo que as experiências são filtradas, significadas e aprendidas. Este corpo, portanto, não é visto apenas como biológico, mas como uma construção histórica e social moldada por processos educativos. E todos estes aspectos valem-se de um diálogo com diferentes áreas do conhecimento: história, psicologia, antropologia, pedagogia.

[...] seja na dimensão científica, estética, ética ou política, toda forma de trabalho intelectual é necessariamente uma aposta na sensibilidade, uma vez que se trata de “intercambiar experiências”, de compartilhar, de andar junto e andar com, fazer junto e fazer com. (Oliveira, 2018, p. 123)

Articulando essas contribuições, a história da educação dos sentidos e das sensibilidades indica que qualquer projeto pedagógico carrega uma teoria implícita sobre percepção e emoção, mostrando assim, que ensinar é inseparável de formar sensibilidades, posturas éticas e percepções estéticas, ajudando também a moldar a identidade daquele que olha, escuta, sente e aprende, de acordo com seu tempo e o espaço em que está inserido.

1.2 Aproximações Teórico-Metodológicas entre Fotografia e Ensino de História: uma abordagem Possível Para o Ensino

A presente pesquisa foi desenvolvida buscando, inicialmente, referências no campo do estudo da fotografia e das imagens na interface com o estudo e ensino de História. Partindo do ponto em que notoriamente o mundo atual está mais visual e as novas gerações trabalham constantemente com a produção de imagens, vemos que as últimas “[...] constituem uma narrativa visual para a construção do conhecimento, nos dando a possibilidade de múltiplas interpretações de diferentes contextos históricos” (Canabarro, 2015, p. 102). Entre olhares, gestos e enquadramentos, a fotografia emerge nesta pesquisa como uma forma de sentir e interpretar o mundo, sendo um potente recurso no Ensino de História, quer seja tomada como fonte de pesquisa, quer seja tomada como ferramenta de expressão. Desta forma, procura-se mostrar ao longo do trabalho como fotografia e História se aproximam e dialogam, possibilitando a construção do conhecimento e expandindo as possibilidades de se ensinar História.

Esse processo é tão rico que a fotografia se mostra não só como recurso ou objeto de ensino, mas como meio de um processo propiciador de interesse e motivador de novos olhares críticos sobre a História ensinada na escola, e o reconhecimento por parte do aluno do desenvolvimento de seu próprio processo histórico de vida. Pensar a fotografia no ensino de História implica deslocar o olhar para além do documento visual, reconhecendo-a como experiência sensível, prática cultural e forma de produzir sentidos sobre o tempo, o espaço e a memória.

O estudo bibliográfico, que permeia o trabalho durante todo seu trajeto, é basilar para evidenciar como fotografia e História unem-se numa coreografia de cooperação e implicações cotidianas, “revelando” uma potenciação de *insights* a que os alunos podem chegar em suas peregrinações mentais ao estudar e compreender a História. Devido a isto, o estudo se propôs a promover uma leitura da fotografia numa experiência didática, abordando-a como uma janela para ver, como uma linguagem, meio de expressão, onde o

aluno possa lançar um olhar sobre as diferentes épocas, elaborando assim, uma leitura de mundo. Para tal, para desenvolver a pesquisa foi feito um estudo bibliográfico que proporcionasse trabalhar em sala de aula importantes conceitos para a compreensão do potencial da fotografia para a compreensão da história, tais como: fotografia, imagem, memória, história. Mas na pesquisa era necessário ir além da leitura da fotografia ou da compreensão de sua história. Para proporcionar o exercício fotográfico, assumindo a fotografia como uma forma de percepção e de expressão, foi planejada uma oficina de fotografia, começando desde o conhecimento do aparato tecnológico, isto é, câmeras (digitais, analógicas, de fotos instantâneas, profissionais, semiprofissionais, aparelhos celulares). Assim, buscou-se aproximar o aluno da fotografia, em sua concretude.

Esta pesquisa caracteriza-se como uma investigação de natureza qualitativa, desenvolvida a partir de estudo bibliográfico, seguido da realização e análise crítica de atividades didático-pedagógicas realizadas em uma escola pública de Uberlândia, no segundo semestre de 2025.

Para compor os pilares da base teórica deste trabalho, foram escolhidos autores de forte presença acadêmica investigativa sobre, primeiramente, fotografia, imagem e cultura visual. São eles: Roland Barthes, Ana Maria Mauad, Etienne Samain, Cristina Meneguello e Ivo Santos Canabarro. No campo do ensino de história e da educação, mais especificamente da educação dos sentidos e sensibilidades, as contribuições vieram especialmente dos autores: Circe Maria Fernandes Bittencout e Marcus Taborda de Oliveira, além de Ana Maria Mauad.

Roland Barthes nos apresenta uma visão filosófica da fotografia, percorrendo caminhos profundos, indo além da própria imagem e nos fazendo pensar na fotografia como retrato da morte, totalmente inerente a viver e se ver numa foto, congelada num determinado instante que nunca mais se repetirá. O autor nos diz:

O que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente. Nela, o acontecimento jamais se sobrepassa para outra coisa: ela reduz sempre o *corpus* de que tenho necessidade ao corpo que vejo [...] (Barthes, 2015, p. 14)

E ainda sobre sentir-se espectro, ele destaca:

Imaginariamente, a Fotografia (aquele de que tenho a intenção) representa esse momento muito sutil em que, para dizer a verdade, não sou nem um sujeito nem um objeto, mas antes um sujeito que se sente tornar-se objeto: vivo então uma microexperiência da morte (do parêntese): torno-me verdadeiramente espectro. O fotógrafo sabe muito bem disso, e ele mesmo tem medo (ainda que por razões comerciais) dessa morte em que seu gesto irá embalsamar-se. (Barthes, 2015, p. 20)

Essa é uma importante reflexão que nos ajuda a pensar na imensa quantidade de cópias de uma mesma imagem que nos dias atuais nos leva muitas vezes a banalizar a imagem, nos deixando escapar a importância do momento. Barthes aprofunda nossos pensamentos e nos revela como a experiência da fotografia nos coloca no jogo do sujeito e do objeto, e nos faz sentir, consciente ou inconscientemente aplacados pelo congelamento do instante, de alguém que nunca mais será o que a imagem mostrou ser.

Barthes (2015) também contribui para a compreensão da fotografia como experiência sensível e afetiva. Ao deslocar o debate da imagem do campo estritamente documental para o âmbito das relações subjetivas que o observador estabelece com o fotografado, o autor evidencia que a fotografia não apenas informa, mas toca, fere e mobiliza memórias e emoções. Nesse sentido, a perspectiva de Barthes oferece aportes decisivos para esta pesquisa ao possibilitar a análise da fotografia, no contexto escolar, como linguagem capaz de despertar sensibilidades e produzir vínculos afetivos com o passado.

Na sala de aula, a contribuição da visão de Barthes salta aos olhos quando se tem em foco a relação do aluno com o corpo. Na experiência de ser fotógrafo e fotografado, evidencia-se, como diz Barthes (2015) esse *corpus* que nem sempre se aceita como é, e desenvolve um simulacro para agradar a um querer volúvel, mostrando uma sociedade onde a aparência encobre o real, e nem sempre somos quem mostramos ser. A fotografia, portanto, desvela esse acontecimento, segundo o autor.

A presente pesquisa também se apoia nas contribuições de Ana Maria Mauad, referência fundamental nos estudos sobre fotografia, cultura visual e história. Em seus estudos vemos através das imagens, que aspectos da cultura material e imaterial das sociedades são revelados, compondo a relação entre o real e o imaginário social. De certa forma, certos aspectos sobre o passado podem ser melhor apreendidos visualmente, o que desenrola uma nova forma de aprender, uma nova didática em que o visual se apresenta como forma de conhecimento. Visualmente falando, as imagens são elementos ativos no

processo de ensino e aprendizagem. Mauad (2015) nos apresenta alguns aspectos que devem ser observados ao se trabalhar com imagens no ensino de História. Deve-se ensinar uma compreensão histórica aprofundada do tema representado; as imagens devem ser historicamente identificadas segundo sua natureza; ser acompanhadas de sua procedência (arquivo, museu, internet, imprensa, agência de imagem, etc); serem legíveis; vir acompanhadas de indagações críticas sobre a natureza visual da representação; articular-se à informação verbal de forma complementar não acessória.

A visão da autora também contribui com o trabalho na medida em que problematiza a noção de neutralidade da fotografia, evidenciando que toda imagem é produzida a partir de escolhas, enquadramentos, intencionalidades e contextos específicos. Nessa perspectiva, a fotografia deixa de ser tomada como mero reflexo do real para ser analisada como construção simbólica, atravessada por disputas de sentido, relações de poder e processos de memória. Tal compreensão amplia as possibilidades de trabalho com fontes visuais no ensino de História, ao reconhecer as imagens como objetos de investigação crítica e não apenas como recursos ilustrativos.

Esta importante contribuição da autora nos oferece a possibilidade de ver a História através da fotografia, e como uma imagem ajuda a evidenciar o desenrolar dos acontecimentos ao longo da história, nos ensinando a ter em conta aspectos importantes para articularmos as informações que ambas as áreas do conhecimento nos oferecem, mantendo assim, a fidedignidade no processo de ensinar História pelo olhar da fotografia.

Suas reflexões permitem, além de tudo, compreender as imagens produzidas no espaço escolar tanto como registros de experiências quanto como narrativas visuais que expressam sensibilidades, pertencimentos e modos de ver o mundo. Assim, dialogar com a autora possibilita pensar a prática de fotografar, no contexto educativo, como um exercício de leitura e escrita do social, no qual os estudantes se tornam produtores de memória e de história.

As contribuições de Etienne Samain, especialmente a partir da obra *Como pensam as imagens* (2022), constituem um eixo teórico fundamental para esta pesquisa ao deslocarem a compreensão da imagem do campo da representação para o da produção de pensamento. Samain (2022) traz um caminho de entender as imagens de forma ainda mais profunda e até metafísica. “[...] as imagens são portadoras de pensamentos e como tal nos fazem pensar. Fomos ainda mais longe, ousando admitir que as imagens, ao associarem-se, são ‘formas que pensam’.” (Samain, 2022, p. 14) O foco, portanto, é pensar por imagens,

pois, para o autor, estas pensam e nos fazem pensar. “Somos assim ‘observadores’ condicionados tanto pelos nossos modos de ver como pela peculiaridade com que as imagens olham para nós” (Samain, 2022, p. 16). Para o autor, as imagens não se limitam a ilustrar ideias previamente formuladas, mas operam como formas próprias de conhecimento, capazes de elaborar sentidos, suscitar perguntas e organizar modos de ver e compreender o mundo. Tal perspectiva é particularmente fecunda para o ensino de História, pois permite conceber a fotografia não apenas como fonte documental, mas como linguagem ativa na construção de interpretações sobre o tempo, o passado e as vivências sociais.

As palavras de Etienne Samain são tão tocantes e se aproximam do surreal. Sem percebermos, nos deparamos com nossos pensamentos ocupados em procurar entender o porquê das imagens nos levarem a pensar, e o porquê de elas mesmas pensarem. As imagens nunca são fixas. Elas estão sempre de passagem e nos fazem acompanhar a errância que nos mostra a impermanência do viver. Por sua importante contribuição para ampliar a compreensão do potencial da imagem, este autor é um dos pilares desta pesquisa junto a estudantes da educação básica, para que possam sentir, acima de tudo, que as imagens não são ordinárias e sem valor, ou uma mera confluência visual com significados. Elas vão além e atravessam a nossa existência.

Neste ponto, é importante ressaltarmos que, se, por um lado a fotografia apresenta grande potencial para mobilizar memórias, afetos e experiências no ensino de História, por outro, sua utilização como fonte histórica exige cuidados teórico-metodológicos específicos. Assim como qualquer documento, a imagem fotográfica não pode ser tomada como reflexo imediato do real, mas como produção situada, atravessada por escolhas técnicas, estéticas e sociais que condicionam aquilo que se vê e aquilo que permanece fora do enquadramento. Nesse sentido, sua leitura demanda procedimentos próprios da crítica documental histórica — como a identificação de autoria, contexto de produção, circulação, intencionalidades e usos sociais —, reconhecendo que toda fotografia é resultado de mediações e construções simbólicas. Tal perspectiva impede que a imagem seja reduzida a mera evidência visual ou ilustração do passado, afirmando-a como artefato cultural que precisa ser interrogado, contextualizado e problematizado. A especificidade da fotografia coloca desafios que extrapolam a análise estritamente racional ou técnica sem, contudo, poder prescindir dela.

Diferentemente de outras fontes, as imagens operam simultaneamente no plano do visível e do sensível, convocando afetos, memórias e identificações que escapam a uma leitura puramente objetiva. Desse modo, a interpretação da fotografia situa-se numa zona de tensão entre razão e sensibilidade: se, por um lado, é necessário mobilizar instrumentos críticos para historicizá-la, por outro, é preciso reconhecer sua potência de afecção e os modos subjetivos pelos quais ela interpela o observador. Para esta pesquisa, tal complexidade não é um obstáculo, mas um ponto de partida metodológico, pois compreender como os estudantes pensam e sentem a partir das imagens implica articular análise crítica e experiência sensível, entendendo a fotografia como fonte que informa, mas também forma, mobilizando simultaneamente conhecimento histórico e implicação afetiva.

Outra contribuição importantíssima são os estudos de Cristina Meneguello. O campo do estudo das imagens vai traçando uma trajetória e chega ao conceito de cultura visual, bem trabalhado pela autora. Segundo Meneguello (2014), a cultura visual está além da história das imagens. Ela reconhece a centralidade do olhar no pensamento ocidental e a centralidade das imagens na produção, na mediação e na apropriação dos sentidos. A cultura visual, portanto, implica um conjunto de práticas e discursos ativos que produzem o social e promovem a mediação que possibilita compreender a sociedade. A forma como nos relacionamos com o mundo passa pela cultura visual.

Isso se dá independente de onde vivemos ou se somos ou não diariamente bombardeados por anúncios e mídias digitais, pois as tecnologias de comunicação que propiciam a circulação global de ideias e informações se realizam, cada vez mais, por meio das imagens. (Meneguello, 2013, p. 8)

As reflexões da autora sobre cultura visual fundamentam o campo teórico-metodológico desta pesquisa ao ampliarem a compreensão da fotografia para além de seu estatuto de documento isolado, inserindo-a em um universo mais complexo de produção, circulação e aprendizagem do olhar. Ao deslocar o foco da imagem isolada para seus contextos de circulação e uso, a autora evidencia que aprendemos a olhar culturalmente, isto é, nossos modos de percepção são educados por experiências visuais cotidianas. Esta compreensão é especialmente fecunda para o espaço escolar, entendido aqui como território imagético — atravessado por fotografias, murais, livros didáticos, redes sociais,

registros de atividades, *selfies*, cartazes e arquivos institucionais — no qual estudantes constroem narrativas sobre si, sobre o outro e sobre o tempo histórico.

As contribuições de Meneguello permitem inferir que a produção e a leitura de fotografias, na escola, são práticas formativas que articulam criticidade e sensibilidade, transformando o ato de ver em exercício de interpretação histórica e de reflexão sobre as próprias experiências.

O historiador Ivo Canabarro também tem grande contribuição para esta pesquisa, ajudando no entendimento da trajetória da fotografia ao longo da História, seus avanços em tecnologia, o aprofundamento do entendimento do papel representacional das imagens no meio social e cultural; apontando o papel da Escola dos *Annales* no deslanchar da fotografia como estudo em História, e como a partir da Escola dos *Annales*, as imagens, na construção do conhecimento histórico, passam a ser decisivas. Sua presença também contribui, especialmente, porque ele ajuda a consolidar uma abordagem historiográfica e metodológica da fotografia como fonte histórica, reforçando o rigor da análise documental e dialogando com Ana Maria Mauad, Cristina Meneguello e os debates sobre cultura visual.

No âmbito desta pesquisa, a abordagem de Canabarro possibilita compreender as fotografias produzidas pelos alunos não apenas como registros espontâneos do cotidiano escolar, mas como documentos que expressam olhares, valores, pertencimentos e modos de narrar a própria experiência. Desse modo, dialogar com o autor permite estruturar uma metodologia que alia sensibilidade e rigor analítico, reconhecendo simultaneamente a dimensão afetiva das imagens e a necessidade de problematizá-las historicamente. Assim, através de seu olhar, a fotografia se constitui, no ensino de História, tanto como experiência formativa quanto como fonte de investigação, capaz de mobilizar reflexão crítica sobre o tempo, a memória e a vida escolar.

No campo da escola, da fotografia no ensino de História, temos a contribuição de Circe Bittencourt. Segundo a autora (2008), desde a metade do século XX, as imagens vêm sendo usadas como ilustrações em livros didáticos. Atualmente, além das imagens dos livros escolares, presencia-se a proliferação da produção do que a autora chama de “imagens tecnológicas”³ como recurso didático. Tais imagens são provenientes de aparelhos eletrônicos e estão em formato de vídeo ou filme, fotografia, imagens criadas por *softwares*, etc.

³ De acordo com a autora, as imagens tecnológicas seriam o cinema, a fotografia e televisão

O problema central que se apresenta para os professores é o tratamento metodológico que esse acervo iconográfico exige, para que não se limite a ser usado apenas como ilustração para um tema ou como um recurso para seduzir um aluno acostumado com a profusão de imagens e sons do mundo audiovisual. (Bittencourt, 2008, p. 360-361)

A análise feita pela autora sobre o intenso uso das imagens nos dias atuais, assinala um alerta para se pensar na adequação das imagens ao ensino e ao conteúdo ensinado. No caso da fotografia, ela assinala a possibilidade de manipulação de imagens, e de sempre se ter em mente por que e para que algumas fotos foram tiradas. É bom perguntar-se o que está sendo fotografado, podendo-se assim desconstruir as imagens sedutoras da fotografia.

Ampliando possibilidades de abordagem da fotografia no ensino de história, tendo em vista que a percepção da imagem é tanto racional quanto sensível, incorporamos à pesquisa aspectos da história da educação dos sentidos e das sensibilidades, a partir de contribuições do historiador Marcus Aurélio Taborda de Oliveira. Conforme o autor,

Segundo compreendemos, a sensibilidade não é uma reação passiva dos sujeitos – individuais ou coletivos – aos influxos do meio externo. Antes, é resultado da ação ou da reação dos sujeitos a todo tipo de afetação dos sentidos, sendo, pois, uma faculdade ativa. Não por outro motivo buscamos na pluralidade de experiências históricas aspectos que possam elucidar os seus fluxos de permanência, mas também os seus momentos de transformação, quando um tipo particular de experiências dá lugar a outras formas de ver, conhecer e sentir o mundo, e sobre ele atuar. Quanto indivíduos e grupos são afetados de maneira que sua experiência seja modificada a ponto de transformar não apenas a eles mesmos mas, quiçá, as formas como a sociedade e a cultura se organizam.” (Oliveira, 2018, p.125)

Esta abordagem é de suma importância para este trabalho, pois desnaturaliza as formas de ver, além de agregar a necessidade de articular razão e sensibilidades no trabalhado com fotografia no ensino de história. No âmbito da história da educação, a pesquisa sobre educação dos sentidos e das sensibilidades desloca o olhar do pesquisador para as memórias, os afetos, as experiências sensoriais do cotidiano escolar, ampliando a noção de educação, muitas vezes limitada aos aspectos racionais cognitivos.

Na esteira das contribuições de Oliveira (2018) sobre a escola, podemos compreendê-la não apenas como espaço de transmissão de conteúdos, mas como lugar de práticas, experiências e produções culturais que conformam modos de sentir, agir e

significar o mundo. Sua visão nos permite reconhecer que aprender História envolve também experiências sensíveis, corporais e simbólicas, produzidas nas interações com os espaços, com os colegas e com os artefatos culturais que circulam no ambiente escolar. A fotografia, mais do que um recurso didático, adentra esse universo, integrando-se e configurando-se como linguagem por meio da qual os alunos narram, interpretam e atribuem sentidos às suas próprias trajetórias.

Essa perspectiva inspira o cuidado com os detalhes do cotidiano, levando a pesquisadora a se atentar para os usos, escolhas, enquadramentos e temas mobilizados pelos alunos como indícios de suas sensibilidades, pertencimentos e memórias, permitindo analisar o fazer fotográfico como processo formativo e como fonte privilegiada para compreender os sentidos atribuídos pelos alunos à escola e à história que não é só conhecimento, mas também vida.

Diante do exposto, a proposta deste trabalho vai muito além de fazer uso das imagens nas aulas de História como recurso ou ilustração de livro didático. A fotografia no ensino de História exige a articulação entre diferentes campos de reflexão que, longe de se excluírem, se complementam. E as formas de trabalho com as imagens nas aulas de História oferecem também ao professor a possibilidade de ampliar o entendimento por parte dos alunos, de que História não é somente uma matéria escolar que narra fatos e acontecimentos históricos, datas importantes que fazem o aluno se situar no espaço e no tempo em relação ao andamento da história da humanidade. Através das imagens, o aluno pode se ver como construtor de seu processo histórico pessoal, contemplando o entendimento, a importância da memória e da identidade. Afinal, uma vida é também um processo histórico, recheado de fatos e acontecimentos, revoluções e interações sociais, culturais ao longo do tempo. E tal processo pode ser melhor evidenciado em sua descoberta, através do potencial das imagens registradas pela fotografia.

2 CAPÍTULO 2: O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA NO AMBIENTE ESCOLAR

A Escola Estadual Segismundo Pereira foi fundada em 1972 e está situada à Avenida Ortízio Borges, 1284, bairro Santa Mônica, na zona urbana do município de Uberlândia – MG. A escola oferece Ensino Regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Oferece o Ensino Regular nos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano); Ensino Médio (1º ao 3º ano) e Educação de Jovens e Adultos – EJA – Ensino Médio (1º ao 3º período).

A escola que antes era denominada E.E. da Vila Santa Mônica, passou a ser denominada Escola Estadual “Segismundo Pereira” – 1º Grau em 1975. Em 1985 começa a funcionar o Ensino Médio. As Habilitações Profissionais de Magistério de 1º grau (professor de 1ª a 4ª séries) funcionaram na escola de 1987 a 1989. A partir de 1990 não houve matrícula suficiente para sua continuidade.

A escola propõe em seus princípios educativos “[...] a formação de caráter, valores e princípios morais, que direcionarão o aluno na utilização dos conhecimentos aprendidos de maneira eficaz, para que sejam aplicados em favor da sociedade.” (Escola Estadual Segismundo Pereira, 2022, p. 14). Estudos contínuos de recuperação são promovidos pela escola, assim como estudos independentes, conforme previsto na legislação.

A estrutura física da escola conta com biblioteca, com os alunos acessando todos os dias da semana para retirada de livros e realização de estudos e pesquisas; três espaços para realização de atividades esportivas, eventos. A própria quadra poliesportiva é o espaço para todas essas atividades. Há sinal de internet em todos os cantos da escola; há laboratório de informática e sala multiuso para a realização de aulas diferenciadas; e um espaço público para acesso a atividades culturais, onde são realizadas atividades de teatro. A escola mantém-se ativa nas redes sociais para a comunicação com a comunidade escolar. Atualmente sedia projetos de extensão universitária como o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência).

A professora de História do 8º ano da E. E. Segismundo Pereira, com a qual foi realizada a prática deste trabalho, é a professora Tamiris Cristina de Castro, graduada em História (bacharelado e licenciatura) pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em 2012. Tem especialização em Culturas e histórias dos povos indígenas, também pela UFU.

Tem experiência em pesquisa na área de Educação, com ênfase no ensino de História. É atualmente professora de História da rede estadual de ensino em Uberlândia. Possui artigo publicado em periódicos e trabalhos publicados em anais de congressos.

A proposta de colocar em prática o projeto de se trabalhar com fotografia para ensinar História, foi ao encontro da procura da professora Tamyris que atua em programas de formação docente, como Residência Pedagógica e PIBID, e desenvolve atividades didáticas sob diferentes abordagens metodológicas com os estudantes. Seu interesse em abordar a fotografia nas aulas de História me permitiram uma primeira aproximação, a fim de realizar a parte prática desta pesquisa.

A turma escolhida pela professora Tamyris para a realização da parte prática da pesquisa, foi o 8º Ano do Ensino Fundamental, turma 10, turno vespertino. Uma sala cheia, com aproximadamente 38 alunos. Segundo a professora, uma turma de alunos interessados em aprender que prestam atenção às aulas e têm boa assiduidade. Fui recebida pelos alunos com carinho e boa acolhida. Meu primeiro contato com eles foi durante uma aula de História em que fui somente observadora. Pude realmente atestar o genuíno interesse dos alunos em aprender. Era uma aula em que apresentariam um trabalho em grupo que consistia em fazer uma nova bandeira do Brasil. A professora apresenta à sala cada trabalho e lê as legendas. Os trabalhos estavam muito bem feitos com demonstração de dedicação e cuidado com os símbolos e seus significados. Durante a aula, a professora me mostra uma lista que os professores preenchem por bimestre. É chamada “prancheta”. Esta lista foi elaborada pela escola e nela cada professor escreve códigos de indisciplina para os alunos. Estes códigos fazem com que os alunos marcados, possivelmente, percam pontos (nota) nas outras matérias, mesmo já tendo sido aprovado nas mesmas. Pareceu ser uma forma da escola controlar o comportamento dos alunos em sala. Este aspecto demonstra haver um cuidado por parte da escola com o ambiente de sala de aula, o que pode apaziguar possíveis impossibilidades de condução de aula por parte do professor, devido ao mau comportamento dos alunos; gerando assim, mais atenção, foco e entrega ao aprendizado, e propiciando ao professor dar uma aula mais interessante, com menos tempo perdido, sem ter que chamar a atenção dos alunos.

Para uma professora em formação inicial, aquele ambiente encontrado na escola e na turma pareceu, portanto, tranquilo para a realização das atividades propostas na pesquisa. Uma escola razoavelmente espaçosa, com possibilidades de os alunos

explorarem os cantos (espaços) afetivos para a produção de imagens. E uma turma interessada e participativa, que demonstrou gostar de aprender História.

2.1 Planejamento e Desenvolvimento das Atividades: Leitura Crítica

Esta experiência foi realizada em uma sequência didática com carga horária total de 150 minutos, distribuídos em três aulas e havendo maior tempo dedicado à exposição dialogada na primeira delas. Na segunda e terceira aulas o tempo foi dedicado à realização de uma oficina.⁴

A primeira aula (expositiva) intitulei “Quando a História vira imagem: aprendendo com fotografias”. Na segunda aula, uma outra parte expositiva foi dedicada a trabalhar com ideias e conceitos sobre imagem, do antropólogo Etienne Samain, escolhido como um dos referenciais teóricos desta pesquisa. Esta parte tomou 20 minutos da segunda aula. A seguir deu-se início à oficina. Esta foi dividida em 3 atividades e uma seção de compartilhamento e fechamento. Porém, não houve tempo para realizar a seção final. A oficina tomou 30 minutos da segunda aula e a terceira aula por inteiro.

A aula “Quando a História vira imagem: aprendendo com fotografias” teve início com a apresentação de três câmeras fotográficas diferentes: uma analógica, uma digital e uma de fotos instantâneas, como abertura e elemento motivador para o melhor entendimento e engajamento dos alunos na aula. Na sequência, através da apresentação de slides, fez-se um breve histórico e uma linha do tempo sobre a história da fotografia. Esta parte foi importante para abordar marcos históricos de maior relevância, para que os alunos pudessem se inteirar de como a fotografia começou e como se deu seu percurso até os dias atuais.

Durante toda a aula foram exibidas imagens de fotografias internacionalmente premiadas e conhecidas em todo mundo, com o intuito de tratar junto aos alunos formas de ler a imagem fotográfica, explicando, a partir das concepções teóricas clássicas, o que observar, o que interpretar ao ver uma foto, atentando-se também aos sentimentos e emoções suscitados pela mesma. Os objetivos desta aula foram: 1) mostrar aos alunos como a fotografia se tornou uma ferramenta fundamental para registrar e estudar a História, 2) identificar momentos históricos usando fotografias famosas para tal exercício; 3) levar os alunos a compreender a importância da fotografia como fonte histórica e

⁴ A descrição completa das aulas pode ser acompanhada nos planos de aula, que estão na seção Anexos.

instrumento de preservação da memória coletiva. A aula foi conduzida de forma a que os alunos pudessem fazer leituras e interpretações das fotografias famosas e históricas, exercitando a capacidade crítica ao analisarem as mesmas.

A aula surtiu o resultado esperado, com os alunos participando ativamente, realizando as atividades de análise das fotos e demonstrando uma boa capacidade de assimilação do conteúdo apresentado. As interpretações eram coerentes e condizentes com o período e contexto histórico apresentado pelas imagens. A parte de sensibilização das imagens chamou a atenção. Os alunos chegavam a se espantar com algumas imagens, sendo verdadeiramente mobilizados em suas emoções.

Na segunda aula, nos 20 primeiros minutos fiz uma exposição dialogada mediada por uma apresentação de slides, abordando ideias e conceitos do autor Etienne Samain sobre imagem, destacando sua compreensão de que a imagem, assim como uma língua, precisa ser lida e decodificada, e que as imagens são janelas culturais, pois expõem como cada sociedade vê, o que escolhe mostrar e o que escolhe esconder. Os conceitos de Samain apresentados aos alunos foram de suma importância para que pudessem entender que as fotografias, segundo o autor (2022), fazem parte dos processos de lembrar e esquecer, tanto individual quanto coletivamente. Através das ideias do autor, os alunos também puderam entender que as imagens não apenas mostram, mas narram, selecionam e moldam nossa percepção da realidade.

Essa primeira etapa, somada à aula anterior, foi mais expositiva e buscou proporcionar a formação de um arcabouço para que os alunos tivessem maior entendimento da fotografia, bem além do que poderiam imaginar que uma imagem, através de uma fotografia, poderia causar ou revelar sobre a História e sobre as diferentes sociedades em diferentes tempos. Acredito que saíram das aulas mais conhecedores e dotados da capacidade de lançar um olhar mais profundo, mais crítico e menos viciado pelo meio cultural em que estão imersos.

A parte seguinte da segunda aula (30 minutos) foi o começo da oficina, com a realização da primeira atividade, intitulada Foto de Família. Para esta atividade foi pedido na aula anterior que os alunos trouxessem uma única foto em que sua família estivesse representada, isto é, uma foto de sua família. Em duplas, os alunos trocariam as fotos e deveriam, inicialmente, observar a foto da família do colega e responder às seguintes perguntas: quem são as pessoas na foto? Que momento esta foto está retratando? Em que ano esta foto foi tirada? Como as pessoas estão na foto? O que esta foto te transmite? Logo

em seguida, as fotos eram destrocadas, cada um ficando com a sua foto de sua família. Era a vez do dono da foto responder às seguintes perguntas sobre sua foto de família: quem são as pessoas na foto? Que momento ela está retratando? Em que ano a foto foi tirada? Tal atividade procurou despertar nos alunos o respeito e a sensibilidade ao lidar com memórias pessoais, além de mostrar, segundo Samain (2022) que uma foto pode revelar e ocultar sentidos. Foram mobilizados também os conhecimentos produzidos na aula anterior, sobre leitura contextualizada da imagem fotográfica.

A terceira e última aula (50 minutos), foi a continuidade da oficina, com as atividades 2 e 3 e o compartilhamento e fechamento. A segunda atividade, chamada Tirando Fotos, consistiu em pares ou trios de alunos usarem as câmeras de seus aparelhos celulares – requisitados na aula anterior – e tirarem fotos uns dos outros. Um aluno(a) seria o fotógrafo(a) e o outro(a) seria o(a) fotografado(a) e depois inverteriam as posições. Em seguida responderiam às seguintes perguntas: como fotógrafo(a), como você se sentiu; o que quis retratar; gostou da foto que tirou? Por quê? Como fotografado(a), como se sentiu; o que pensava enquanto a foto era tirada; gostou da foto que foi tirada? Por quê? Este exercício possibilita aos alunos o experimento das diferentes sensações e sentimentos entre fotografar e ser fotografado e as diferentes perspectivas que cada posição pode oferecer. Tal exercício foi uma oportunidade para prestarem atenção ao que queriam focar, desfocar, que aspectos da pessoa queriam evidenciar. As intenções enquanto fotógrafo (o que mostrar, o que esconder), todos aspectos mencionados nas aulas anteriores.

A última atividade da oficina, chamada Fotografando o Espaço da Escola, consistiu em convidar os alunos a fazerem uma exploração visual pelos espaços da escola. Individualmente, cada um com sua câmera (dos aparelhos celulares) registrariam uma imagem de um lugar ou objetos da escola que melhor ajudassem a contar a sua história naquele contexto. Ao voltarem para a sala, olhando para a imagem, responderiam à seguinte pergunta: por que você escolheu esta imagem? Neste exercício, os alunos podem relacionar memória coletiva e individual, atuando na construção da memória do lugar (escola). A escolha singular de cada estudante dialoga com a percepção coletiva da escola e ajuda a construir uma imagem desse lugar. Assim, a atividade permitiria também desenvolver a consciência do cotidiano e do lugar como elemento importante para narrar a história da escola e compreender a fotografia como fonte histórica. Ademais, a foto tirada tem o potencial de revelar ou dar indícios de o que a escola é para o estudante.

Como fechamento das atividades e da oficina, haveria um momento de compartilhamento, em que os alunos compartilhariam as fotos tiradas, as experiências vividas e o aprendizado da construção de sua própria história, tornando-se, possivelmente, consciente deste processo através das diferentes imagens (trazidas e produzidas por eles). Para iniciar essa parte da oficina, eles deveriam responder oralmente à última pergunta: como a imagem conta história? Este momento evidenciaria o aprendizado e a internalização do como fotografia e História não só dialogam, mas estão intrinsecamente juntas, podendo servir uma à outra, num belo processo dinâmico de ensino-aprendizado. Esta última etapa, no entanto, não foi possível ser realizada, devido ao tempo que a logística da última atividade demandou, após uma adaptação do procedimento a ser seguido na saída dos estudantes da sala de aula.

Dois grandes desafios enfrentados durante a realização da oficina foram: a falta de espaço na sala de aula e o tempo. Inicialmente, a oficina estava agendada para acontecer numa sala maior onde os alunos pudessem ter espaço para andar. Contudo, minutos antes de iniciar a aula, a professora Tamyris informou que a sala reservada já estava sendo ocupada para uma atividade de avaliação. Devido a isto, a oficina foi realizada na própria sala de aula da turma. Isto é, pouco espaço para movimentação e para ter liberdade para criar. Além disso, a última atividade, que demandava os alunos saírem da sala para fotografarem, não teve uma logística eficiente, principalmente devido ao receio do vice-diretor de ver os alunos fora de sala e exigir que a atividade fosse cancelada. Os alunos não puderam sair todos de uma vez; as saídas foram feitas a cada duas filas de carteiras. Essa logística tomou o tempo de execução da etapa final de compartilhamento e fechamento, acabando por não ser realizada.

2.2 Análise das Fontes Produzidas Durante as Atividades Didáticas

Como mostrado na introdução, a fotografia, em seus primórdios, era um luxo que somente as classes abastadas conseguiam ter. Nos dias atuais, todos que têm um aparelho celular *smartphone*, têm acesso à fotografia e podem fazer uso dela a qualquer momento, de forma rápida. Dessa forma os alunos têm um instrumento potente em mãos, capaz de ser usado para abarcar o mundo interno e externo. E lançando um olhar sobre os sujeitos e os objetos ao seu redor, no seu cotidiano - seja em casa ou na escola - através da fotografia, vão conseguir por si mesmos, identificar ou reconhecer um ambiente carregado de

símbolos e história, que pode ser a história de um lugar, de uma sociedade, ou até mesmo a sua própria história. O entendimento de todo este processo só poderia acontecer por meio de explicações, demonstrações e interações. Papel este muito bem cumprido pelas aulas teóricas que foram realizadas em toda sua completude (sem interrupções ou atrasos). Essa parte da proposição didático-pedagógica foi importante para que os alunos pudessem desarmar o olhar para a fotografia, muitas vezes já comprometido por uma cultura visual que acaba por naturalizar a imagem, tornando sua decodificação mais difícil. A preponderância da visão como sentido para conhecer o mundo é preocupante quando não se questionam as condicionantes históricas das formas de ver e olhar, e também quando não se questionam as motivações e condicionantes da construção das imagens, pois “as formas pelas quais as imagens nos afetam passam pelas formas como se relacionam e dialogam com outras mídias, pelas formas como são exibidas e pelas experiências prévias do espectador” (Meneguello, 2013, p. 11).

A escolha de Etienne Samain como o principal autor a ser teoricamente apresentado aos alunos foi intrigante a priori, pois sua forma de pensar mexeu com a minha forma de ver as imagens, principalmente as que eu faço com minha câmera através do meu olhar. A sensação é de sair de um encapsulamento de anos e sair batendo asas. Eu quis transmitir aos alunos um pouco do que senti: de poder lhes oferecer uma sensação de liberdade de enxergar o mundo sem as lentes de uma cultura programada, muitas vezes, em nos mostrar os mesmos esquemas. Esta sensação de liberdade através do olhar de quem cria (fotógrafo) e também do olhar de quem vê a imagem já criada e captada, provoca memória, desperta afetos, suscita perguntas, desestabiliza certezas, cria interpretações múltiplas. Esta é a função da imagem, e ter olhos para ver tudo isso é maravilhoso. E é isso que Samain quer nos mostrar, que a imagem ativa o pensamento de quem olha. Quando o autor diz que as imagens pensam, compreendo que elas organizam os sentidos, produzem relações e criam interpretações que constroem conhecimento, além de carregarem valores culturais, políticos e afetivos. Sendo assim, a imagem já contém uma forma de pensamento incorporado na sua própria construção.

Ao final do trabalho, a escolha por tal autor, mostrou-se afortunada, pois alguns alunos demonstraram profundas relações e interpretações da imagem que produziram. O trabalho de Samain nos leva à compreensão de que o pensamento não está só na imagem, mas no encontro entre imagem e observador. Os alunos observaram imagens capturadas por outrem e produziram as suas próprias, sendo observadores de todas elas, deixando o

pensamento fluir e gerar sentido, sensações, sensibilidades, perguntas e quem sabe, respostas.

Nas atividades práticas da oficina, pudemos observar primeiramente, como os alunos são interessados em aulas que saem do padrão convencional de aula expositiva, quadro ou slides. Eles demonstraram gostar muito do que estavam fazendo: colocando em prática o que aprenderam na teoria. Inundados de tecnologia de imagens no mundo da cultura visual, manipular as câmeras dos *smartphones* parecia brincadeira de criança. A primeira atividade, Foto de Família, trouxe um resultado curioso.⁵ Cerca de 30% dos alunos, organizados em duplas, pareceram não observar a foto da família do colega, emitindo suas próprias conclusões; mas pareceram ocupar-se mais em perguntar ao colega quem eram as pessoas na foto, que momento era aquele e o ano. Estas eram as perguntas objetivas. Esta conclusão baseia-se no fato de a pessoa que trouxe a foto dar as mesmas respostas que a pessoa que a observou.

Ao analisar essas respostas, levantei algumas hipóteses para o não investimento na investigação dos detalhes da fotografia. Seria este aspecto demonstrar de falta de interesse em olhar, analisar e interpretar? Seria uma resistência inconsciente em olhar para a família do outro e comparar com a sua? Ou seria uma expressão de sensibilidades já tão acostumadas com a imagem que tendem a banalizá-la?

Um elemento torna ainda mais difícil formular afirmações sobre a similaridade das respostas de quem observou a foto e de quem a trouxe: o forte laço de amizade da dupla e o prévio conhecimento, tanto das pessoas representadas na foto, quanto do evento e do ano. As pessoas que estavam na foto identificadas pelos nomes. Além disso, a escrita das respostas, neste caso, não é mecânica, exatamente igual, mas contém um lastro de sensibilidade e cuidado com a mesma.

As perguntas subjetivas (como as pessoas estão na foto? E o que esta foto te transmite?) necessitavam da observação apurada e da sensibilidade em captar e interpretar o momento e as sensações que a imagem transmitia. Não havia o porquê recorrer à resposta proveniente do colega que levou a foto. Para a pergunta quem são as pessoas na foto (para quem observa), a maioria das respostas foi a família nuclear (pais, irmãos). Para a pergunta “que momento a foto está retratando? (para o observador), a resposta mais frequente foi o Natal. Sobre o ano em que a foto foi tirada (para o observador), destacaram-se 2015, 2023

⁵ As imagens não serão reproduzidas neste texto, por serem fotografias pessoais, das quais não tenho licença de uso da imagem.

e 2014, ou seja, pensando que a idade média dos alunos da sala é de 13 anos, os observadores associaram o ano da foto ao momento da infância do colega ou ao final da infância. Para a pergunta como as pessoas estão na foto (observador), destacam-se notoriamente, as respostas: “estão felizes” e “estão sorrindo”. E à pergunta “o que esta foto te transmite?” (observador) destacam-se como resposta: “transmite alegria, felicidade, amor e paz”.

A foto da família escolhida pelos alunos para ser levada à aula teve como pessoas retratadas a família nuclear (pais e irmãos, incluindo o próprio aluno) e em segundo lugar outros membros da família, como primos e tios. O momento retratado foi “momento feliz e de paz” e o Natal. E os anos em que a foto foi tirada foram 2023 e 2025. Na comparação do ano em que a foto foi tirada, viu-se que para quem observou a foto do outro, as fotos foram vistas como sendo de mais de 10 anos, e na realidade, dita pelo dono da foto, o ano era mais recente. Há uma certa incerteza, da parte de quem observa sobre a identificação do ano.

Com relação ao momento retratado, vê-se claramente, que a escolha foi de fato por momentos em que a família se mostrava bem, feliz e saudável, e com a presença da maioria dos membros. Em nenhum momento foi mencionado, seja por quem observou ou por quem levou a foto, que o momento retratado era triste ou de desunião. Isso nos leva a pensar que famílias geralmente tiram fotos em momento de encontros e celebrações como o Natal, aniversários e reuniões na casa de alguém.

Percebe-se que a fotografia da família foi tirada nos momentos em que se quis guardar a imagem dos momentos bons e agradáveis de vivência, e isto foi captado pelos alunos. Os alunos quiseram expor uma família unida, alegre, sorridente, feliz, que se une para os momentos de comemoração e celebração, e a escolha por esta exposição foi feita no momento de selecionar a foto, em casa. Por um lado, podemos interpretar que as pessoas reconhecem a família como um refúgio, “[...] o lugar onde a criança, muito jovem, encontra suas marcas” (Meirieu, 2001, p. 2). De acordo com Meirieu (2001) cada objeto é integrado ao espaço físico de acordo com pontos de referência mentais estáveis. A família trazida pelos alunos trouxe esse ponto de estabilidade. Como diz Meirieu (2001), um lugar de refúgio do perigo do qual se pode partir para qualquer aventura. Contudo, as escolhas dos estudantes não poderiam também ser indícios dos próprios limites dessas imagens para o conhecimento sobre a história dessas famílias, uma vez que se concentram em momentos alegres e esporádicos, que passam distante das tensões, conflitos e problemas que

compõem frequentemente a rotina familiar? O que as pessoas escolhem contar, mostrar ou perpetuar na memória da família quando fazem esses recortes a partir da fotografia? E o que essas escolhas nos dizem sobre as nossas compreensões do que é ou deve ser uma família na atualidade?

Era uma atividade muito importante para meu projeto e careceu de tempo para melhor aproveitá-la na socialização das respostas junto aos estudantes. Embora seja um exercício simples, tem o potencial de permitir avançar na reflexão sobre educação de sensibilidades.

A partir da visão da História da Educação dos Sentidos e das Sensibilidades, podemos entender que quando um aluno olha e comenta uma foto, ele revela sua formação cultural, seus afetos, valores familiares internalizados e seus modos históricos de perceber o mundo. A foto se torna assim, um documento da sensibilidade, não só uma opinião. Quando os alunos que observaram a foto do colega viram pessoas sorridentes, felizes, comemorando um aniversário ou celebrando o Natal, elas estão mostrando o que é percebido por elas como relevante. Quando veem que a foto transmite saudade, alegria, amor e paz, no campo da dimensão afetiva, elas podem estar vendo padrões de emoções socialmente aprendidos, e que estas são emoções autorizadas a serem vistas. O fato de ninguém ver tristeza, desunião, mostra que, possivelmente, tais emoções não são autorizadas ou são silenciadas socialmente. A foto também funciona como um dispositivo de construção de identidade e pertencimento, e dessa forma, os alunos estão mostrando que querem ser identificados pelo colega, como tendo uma vida feliz, com uma família saudável, sem problemas, que cumpre sua função de família segundo os princípios de como deve ser uma vida em família na sociedade em que estão inseridos. “[...] então é preciso reconhecer que as sensibilidades são um resultado das respostas que os indivíduos produzem a partir do momento que interagem com o mundo físico ou social” (Oliveira, 2018, p. 176).

A atividade Tirando Fotos apresenta aos alunos uma experiência formativa do olhar, do corpo, do afeto e da relação com o outro, na atualidade. No viés da história da educação dos sentidos e das sensibilidades, a questão central é saber que aprendizagens do ver, do sentir e do se relacionar foram produzidas no ato de fotografar e ser fotografado.

Segundo compreendemos, a sensibilidade não é uma reação passiva dos sujeitos – individuais ou coletivos – aos influxos do meio externo. Antes, é resultado da

ação ou da reação dos sujeitos a todo tipo de afetação dos sentidos, sendo, pois, uma faculdade ativa (Oliveira, 2018, p. 125).

A realização desta tarefa foi feita com entusiasmo pelos alunos. Todos se prontificaram a fazer o exercício, sem nenhuma resistência. A primeira pergunta sobre como o aluno se sentiu ao ser o fotógrafo, teve como respostas principais: “feliz”, sentiu-se bem e que foi muito legal. Um aluno disse ter se sentido um fotógrafo importante; outro disse ter se sentido “um belo artista”. O uso da criatividade, de estar fazendo algo novo, direcionar a colega ao fazer a pose, foram justificativas do porquê terem se sentido felizes. A segunda pergunta: o que quis retratar, como fotógrafo, evidencia a presença da beleza e do engraçado, e duas respostas que se destacaram pela autenticidade foram: “retratar a amiga num contexto escolar” e “a capacidade do ser humano, suas maravilhas e limites”. Para a terceira pergunta, se gostou da foto que tirou e o porquê, o sim foi quase unânime, com somente um não de resposta. O motivo de ter gostado foi porque a foto ficou bonita e bem divertida. Algumas respostas isoladas, tiveram um cunho técnico para o critério da avaliação do aluno. São elas: “ficou enquadrada”, “a qualidade ficou maravilhosa”.

Invertendo as posições, agora como fotografado, à pergunta “como se sentiu como fotografado?” tivemos como respostas mais frequentes: “envergonhado(a)”, “feliz” e “bem”. Para a pergunta “o que pensava enquanto a foto era tirada?” tivemos como principais respostas: “nada”, “na pose”, “que estava ficando boa”, “que estava ficando feia”. E para a última pergunta “Gostou da foto que foi tirada? Por quê?” as respostas foram: 21 sim, 8 não e 2 mais ou menos. Como destaque nas justificativas, temos para o sim: “a foto ficou bonita”, ficou “engraçada”, a pessoa sentiu-se “bonita”. Para o não as justificativas foram: a foto “ficou torta”. Uma resposta interessante para o mais ou menos foi: “não decidi o jeito bonito de me demonstrar feliz”.

É importante perceber o que os alunos procuraram enquadrar. Como aspecto físico aparece o rosto como principal. Mas foram os aspectos abstratos, que evidenciaram os sentidos e a sensibilidade do fotógrafo, destacando-se os aspectos da beleza e o engraçado. Isso mostra que o olhar do aluno procurou o bem-estar, o que há de bonito no outro, não necessariamente focando num aspecto físico, mas na aura da pessoa, no que ela transmite de bonito e fugaz. Esta busca, através deste olhar, trouxe ao aluno-fotógrafo a sensação de se sentir feliz e bem ao fotografar, o que, por conseguinte, levou a grande parte dos fotografados a se sentirem também bem e felizes. Uma ação de reciprocidade de sensações. A busca do bem-estar e do belo no outro, suscitou a mesma sensação em quem

foi o modelo. O fato de a maioria ter se sentido envergonhada ao ser fotografada reflete a dificuldade ao lidar com a exposição do corpo e de si. A sensibilidade corporal evidenciando um controle do pudor, a noção de autoestima do fotografado, sua relação com sua própria imagem. O ato de ser fotografado explicita aprendizagens sociais sobre o que pode ou não ser mostrado. Vemos, assim, como este exercício evidencia o corpo, e este é um aspecto importante nos estudos da história da educação dos sentidos e das sensibilidades. Como o corpo se relaciona com o tempo, o espaço, os objetos e o outro. Daí tomamos a seguinte frase: “[...] o corpo é este entre-lugar que (re)integra dialogicamente pessoas e coisas, ideias e ações, representações, vetor por excelência de experiências que produzem e reproduzem a vida” (Oliveira, 2020, p. 5).

No campo das sensibilidades, esta atividade demonstrou como aconteceu a relação com o outro através da ética do olhar. Houve um evidente cuidado dos alunos-fotógrafos em registrar imagens que deixassem o fotografado confortável, num possível exercício de empatia, pois sabiam que também seriam fotografados. Houve também o evidente esforço de tentar valorizar o colega. Pode-se dizer que a atividade foi realizada tendo-se sempre em consideração o respeito pelo outro.

Por outro lado, as preocupações dos alunos em aparecerem bonitos, ficarem enquadrados e destacarem o rosto também dão indícios de percepções moldadas historicamente, especialmente quando consideramos a forte valorização do indivíduo na sociedade capitalista neoliberal e, inclusive, o uso da imagem pessoal como mercadoria na atualidade. Essas sensibilidades são constantemente reforçadas através de práticas fotográficas, como as *selfies*, e da exposição pessoal de “celebridades”, que investem consideravelmente na exposição de sua imagem física, e que são práticas bastante presentes no cotidiano desses jovens estudantes.

A atividade Fotografando o Espaço da Escola nos permite uma aproximação com o que é a escola para os estudantes. Phillippe Meirieu (2001), ao explicar sobre as dimensões espaciais através das quais é possível aprender no espaço urbano, elabora três conceitos – território, refúgio e selva – que funcionam como metáforas do modo como os sujeitos sentem e experimentam o espaço urbano. Para o autor, o refúgio é como o próprio quarto do indivíduo, lugar onde se sente protegido e cujas regras são por ele definidas. Em outro polo está a selva, espaço do qual até mesmo as regras são desconhecidas, enquanto o território é um lugar onde se descobre a organização social, que inclui tanto possibilidades quanto proibições, aberturas e limitações. Diferente do refúgio, “o território não é mais o

domínio da intimidade, é o domínio do social, da possível construção das regras sujeitas não à subjetividade individual, mas à atividade coletiva” (Meirieu, 2001, p. 3).⁶ Segundo o autor, esses não são espaços físicos definitivamente definidos, mas vão se configurando na interação dos sujeitos com o espaço urbano.

Essa atividade com fotografias da escola nos possibilitou ver como os alunos veem a escola ou de qual dimensão ela se reveste para eles. Assim, podemos olhar para a foto produzida pelos alunos como o modo de sentirem a escola. “[...] o refúgio é o abrigo da intimidade, o território a grade social, a selva o lugar do confronto com a alteridade radical” (Meirieu, 2001, p. 4). Este olhar do autor mostra como os espaços educam e participam da formação dos sujeitos. Pois para Meirieu (2001), o aprendizado não acontece apenas na sala de aula, mas na relação que o sujeito estabelece com os espaços que habita, atravessa e significa.

Para a única pergunta feita nesta atividade, as respostas mais frequentes foram: que o espaço era bonito; que estava relacionado à presença dos amigos, de jogos, de momentos de descontração; que estava relacionado à natureza (árvores, flores); memórias das turmas anteriores; lembranças do primeiro dia de aula na escola; as melhores lembranças da vida.

A figura 1 mostra o espaço fotografado por um aluno do 8º ano 10, que para ele representa os bons momentos com os amigos, jogando “Uno” e outros jogos.

Figura 1 – O lugar dos amigos e dos jogos



Fonte: aluno (2025)

⁶ “Le territoire n’est plus le lieu de l’intime, il est le lieu du social, de la construction possible de règles assujetties non point à la subjectivité de chacun mais à l’activité collective.” (A tradução é minha)

Esta imagem mostra o lugar que o aluno reconhece como seu, onde circula com segurança, constrói vínculos, cria memórias e tem a sensação de pertencimento. Não é apenas um espaço físico, é o lugar vivido. Ao direcionar seu olhar para este lugar, o aluno elege este espaço de convivência como central, demonstrando que a escola é sentida tanto como refúgio quanto como território, evidenciando os vínculos afetivos. A escola deixa de ter apenas o papel institucional e passa a ser o lugar da experiência habitada.

A figura 2 mostra uma árvore, muito citada pelos alunos em suas respostas. O lugar da natureza. Uma aluna diz que escolheu esta imagem porque “representa a natureza e a árvore está há muitos anos na escola”.

Figura 2 – A árvore da escola



Fonte: aluna (2025)

A imagem escolhida pela aluna retrata o reconhecimento do refúgio ou a possibilidade de construção de vínculos. Segundo ela, a árvore está ali há muitos anos, o que denota ser um lugar de pausa, que sempre está ali, com o qual ela sempre pode contar. E para ter esta sensação não precisa estar embaixo dela, basta olhar. Ela representa uma proteção simbólica, um lugar de resguardo. Segundo Meirieu (2001), o refúgio é o lugar onde a pessoa encontra suas marcas.

Devido ao fato de essas fotografias estarem armazenadas nos celulares dos estudantes e de não termos tido tempo de imprimi-las para compor as fontes desta pesquisa, não foi possível receber todas as fotografias produzidas pelos alunos. Contudo, foi possível recolher os textos que estavam elaborando sobre as imagens e neles há três respostas iguais que dizem que a imagem lembra o dia em que chegou na escola, ou

o primeiro dia de aula. Sem as imagens não há como saber como foi este dia (o que a imagem, possivelmente, nos contaria).

Ao final, não houve a parte final de compartilhamento e fechamento da atividade. Seria importante ter tido a conversa com os alunos para ver e sentir como estavam seus ânimos diante de aulas dinâmicas, reveladoras de um novo olhar sobre o estudo da História (disciplina), lançando mão da fotografia como meio de descobrir o mundo que vai além das imagens e narra histórias de lugares, sujeitos, momentos, objetos, sociedades, e até deles mesmos. Mesmo com a ausência desta etapa, a atividade atendeu às expectativas e possibilitou avançar nos estudos teórico-metodológicos feitos sobre o potencial da fotografia para o Ensino de História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegado o momento de olhar para os resultados desta pesquisa, nos deparamos com os aspectos trabalhados, tais como imagem e fotografia, ensino de História, história da educação dos sentidos e das sensibilidades, tudo isso principalmente no contexto escolar. Durante todo o trajeto a ideia central era mostrar que a fotografia é um meio muito fértil de se ensinar e de possibilitar descobertas, aprendizados e análises sobre a História, não só a que é contada nos livros didáticos, ou nas “páginas da História da humanidade”, mas da história do próprio aluno, história dos lugares que frequenta, dos espaços culturais com os quais se identifica, da família à qual pertence, da escola na qual passa grande parte de seu dia e que acaba por moldar sua visão de mundo, seu modo de pensar e se expressar. E neste mundo de compreensões, identificações e expressões, o ensino da História através de imagens (da fotografia) mostrou-se muito efetivo e eficaz, pois além da imagem ser uma linguagem, ela é também um meio de despertar sensibilidades e de ver o mundo e a si mesmo por um prisma visual. Uma nova forma de aprender e apreender a História se abre para o aluno. Com a contribuição de diferentes autores pudemos constatar a importância que as imagens têm na vida cotidiana nas sociedades da atualidade. Através de Barthes, por exemplo, vimos a dimensão sujeito-objeto sendo trabalhada na oficina quando os alunos tiram fotos uns dos outros. Vemos neste e em outros exercícios da oficina que a fotografia vai além da função de informar; ela mobiliza memórias e emoções e desperta sensibilidades. Ana Maria Mauad (2015) nos fala do cuidado que se deve ter ao trabalhar com imagens no ensino de História: identificando-as segundo sua natureza, sua procedência e as indagações críticas a serem feitas sobre a natureza visual da representação. Todos estes aspectos foram cuidados e ensinados aos alunos, levando-os a estabelecer critérios ao olhar para uma imagem, uma foto e saberem analisá-la. As reflexões da autora nos permitiram compreender as imagens produzidas no espaço escolar tanto como registros de experiências quanto como narrativas visuais que expressam sensibilidades, pertencimentos e modos de ver o mundo. Assim, dialogar com Mauad possibilitou pensar a prática de fotografar, no contexto educativo, como um exercício de leitura e escrita do social, no qual os estudantes se tornam produtores de memória e história; aspectos estes que foram evidenciados na prática dos alunos durante a oficina.

Os alunos foram assim, tirados de uma zona de conforto de só olhar para as imagens e as julgarem bonitas ou feias, possível ou não de serem publicadas nas mídias sociais. Eles foram ensinados a ler a imagem como uma linguagem e saberem assim, lançar sobre ela um olhar crítico, questionador, revelador, e a sentirem os reflexos que as imagens causam em suas vidas.

A pesquisa, através da prática na oficina, nos mostrou para onde os alunos dirigem seu olhar quando mostram sua família, interagem com os colegas da escola ou quando mostram aspectos da escola que são importantes ou marcantes para eles. A família é mostrada como aquela que é feliz, que está sempre unida em momentos de celebrações. Os colegas e amigos da escola são retratados em sua melhor “face”, com o respeito sendo evidenciado nessa troca de experiências e de momentos. A escola é sentida como refúgio e território, segundo o olhar de Philippe Meirieu. Tantas emoções e sensibilidades evidenciadas na prática, durante os três exercícios da oficina. Estes aspectos podem sim ser lidos como evidências de uma educação dos sentidos e das sensibilidades. Isto é, como disse Barthes na teoria, a fotografia é de fato despertadora de sentidos, e pudemos também na prática comprovar tal fato, e ainda mais, que ao servir ou ser integrada ao ensino de História, juntas (fotografia e História), produzem um universo de sentidos e sensibilidades ampliando a capacidade dos alunos de captação dos acontecimentos no mundo, além de proporcionarem aos professores a realização de um ensino mais dinâmico, interessante, próximo ao cotidiano dos alunos, revelando diferentes possibilidades de se entender e compreender a História.

Vimos também, através da pesquisa, que o olhar não é natural, nem neutro, mas historicamente construído, orientado por repertórios culturais (como visto na cultura visual) e valores sociais. Neste sentido, o contexto histórico atua como uma moldura que direciona a percepção do aluno (no contexto escolar) definindo o que pra ele vai merecer atenção, o que se torna visível e o que permanece à sombra, sem ser evidenciado. As fotografias escolhidas ou tiradas pelos alunos revelaram temáticas que coadunam com as preocupações contemporâneas, como a felicidade, a necessidade de mostrarem que estão bem, de pertencerem a uma família feliz. A escola foi mostrada como espaço de divertimento e acolhimento, onde existe o espaço para a socialização. O conjunto imagético analisado, testemunha o engendramento de uma educação das sensibilidades em curso, na medida em que demonstra alunos capazes de perceber, interpretar e narrar

criticamente a própria experiência escolar, transformando o ato de olhar, em prática histórica, formativa e reflexiva.

Retomando a visão de Oliveira (2018), também pôde-se comprovar o papel da escola, que esta é não apenas um espaço de transmissão de conteúdos, mas um lugar onde modos de sentir e significar o mundo acontecem. E que aprender História é também se ver envolvido por experiências sensíveis, corporais, cheias de simbolismos que estão presentes nas interações que neste espaço acontecem. E a fotografia ao adentrar este espaço possibilitou aos alunos atribuírem sentido às suas próprias trajetórias. Fato comprovado pelas fotos tiradas pelos mesmos na última atividade da oficina. Lendo estas imagens pôde-se ver como estão sendo estabelecidas suas interações com as pessoas, com o espaço, com o já ali vivido e como se sentem. Como já dito, elas não são registros neutros, revelam escolhas, o que os alunos consideram importante. Assim, a foto revela o que não se diz, mas pode ser percebido por um sensível professor observador, que pode usar o que foi revelado, por exemplo, para ajudar algum aluno, que porventura, se mostre arredio ou enfrentando algum problema na escola.

Portanto, ao final deste percurso investigativo, uma certeza se destaca: ensinar História através da fotografia é um exercício de sensibilidades. Ao convidar os alunos a olharem, enquadrarem e contarem através da imagem sua própria realidade, a prática fotográfica ativa a atenção, a empatia e a interpretação que constituem uma verdadeira educação das sensibilidades, ampliando a relação dos alunos com o tempo, o espaço e com o outro. A imagem, deste modo, torna-se mediadora entre a experiência e a reflexão histórica, permitindo que o cotidiano escolar seja compreendido como um campo fértil de significados, sentidos e sensibilidades. E assim, desde o explicar de teorias sobre imagem, cultura visual, educação dos sentidos e das sensibilidades até o encontro entre câmeras, olhares, enquadramentos e cliques, vimos que ensinar História conjugado ao fazer fotográfico e interpretação de imagens, mostra-se um potente conjunto para que o aluno alcance voos mais altos na compreensão do que é História e como ela acontece no cotidiano, além de afirmar que a fotografia neste contexto, ultrapassa a função ilustrativa ou documental, e afirma-se como linguagem sensível de produção de conhecimento, capaz de mobilizar memórias, afetos e formas de perceber o mundo, como uma grande janela por onde se vê a História e se é visto nela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez Editora, 2005.
- CANABARRO, Ivo Santos. Fotografia e História: questões teóricas e metodológicas. **Visualidades**, v. 13, n. 1, 2015.
- DIAS, Ana Isabel Sousa. **A fotografia no ensino da História**. 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto (Portugal).
- ESCOLA ESTADUAL SEGISMUNDO PEREIRA. Projeto Político Pedagógico: Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2022.
- KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **Artcultura: Revista de História, Cultura e Arte**, v. 8, n. 12, p. 7, 2006.
- MALVERDES, Clara Zandomenico. **Fotografia e Ensino**: uso e aplicação da fotografia no processo de aprendizagem no ensino de História e Educação Patrimonial. 2017. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica do Departamento de Educação e Ciências Humanas) Universidade Norte do Espírito Santo, São Mateus. Brasil.
- MAUAD, Ana Maria. Usos e funções da fotografia pública no conhecimento histórico escolar. **História da Educação**, v. 19, n. 47, p. 81-108, 2015.
- MEIRIEU, Philippe. Apprendre de la ville: à l'intersection de l'espace et du temps. **Diversité**, v.148,n. 1, p. 153-158, 2007.
- MENEGUELLO, Cristina. Cultura Visual. **Cadernos de História**, v. 8, n. 2, p. 8-18, 2013.
- MONTEIRO, Charles. A pesquisa em História e Fotografia no Brasil: notas bibliográficas. **Anos 90**, v. 15, n. 28, p. 169-185, 2008.
- OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. Educação dos sentidos e das sensibilidades: entre a moda acadêmica e a possibilidade de renovação no âmbito das pesquisas em História da Educação. **História da Educação**, v. 22, p. 116-133, 2018.
- OLIVEIRA, Marcus Taborda de. Pesquisas sobre a educação dos sentidos e das sensibilidades na história da educação: algumas indicações teórico-metodológicas. **História da Educação**, v. 24, p. e97469, 2020.
- SAMAIN, Etienne (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora Unicamp, 2012.
- SANTOS, D. B. dos. **O resgate da identidade através da memória**: o uso da fotografia no ensino de história – um estudo e caso. 2019, 130 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica) – Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2019.

ANEXOS

ANEXO A – PLANO DE AULA (AULA EXPOSITIVA)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CURSOS DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Estágio Supervisionado



Plano de Ensino					
Escola:	Escola Estadual Segismundo Pereira				
Disciplina:	História				
Professor(a) responsável:	Tamyrís				
Estagiário(a):	Flávia Renata Martins				
Ano (série):	8º	Nível:	Fundamental	Turno:	Vespertino
Turma(s):	10				
Data(s) da(s) aula(s):			Horário(s) da(s) aula(s):		
18/11/2015			13:50 h		
Tema (Unidade Temática)					
Quando a História Vira Imagem: aprendendo com fotografias					



Objeto(s) de Conhecimento previsto(s) na BNCC, no Currículo Referência MG

BNCC

- Processos históricos como construções narrativas (o que é fonte histórica, interpretação, ponto de vista).
- A construção das identidades e das memórias coletivas.
- Representações sobre o passado em diferentes linguagens.
- Leitura e análise de fontes visuais (fotografias).
- Transformações sociais e urbanas no Brasil do século XIX e XX (quando analisadas por meio de fotografias).
-

Currículo Referência de Minas Gerais

- Análise e interpretação de fontes históricas diversas (textuais, iconográficas, fotográficas, cartográficas).
- Produções culturais como representações do passado.
- Mudanças e permanências observadas em diferentes tempos históricos através de registros visuais.
- Fotografia como documento que expressa cultura, cotidiano, trabalho e conflitos sociais.

Objetivos

Objetivo geral:

- Compreender a importância da fotografia como fonte histórica e instrumento de preservação da memória coletiva, analisando como as imagens contribuem para a construção e interpretação da História.

Objetivos específicos:

- Reconhecer a fotografia como documento histórico capaz de registrar, narrar e transmitir fatos, costumes e valores de diferentes épocas.
- Identificar contextos históricos representados em fotografias, relacionando-os aos acontecimentos estudados em sala de aula.
- Refletir sobre a fotografia como forma de memória social e identidade cultural.
- Produzir pequenas leituras e interpretações de fotografias famosas e históricas, exercitando a capacidade crítica de análise



	de imagens.
--	-------------

Habilidades Previstas na BNCC (com código), Currículo Referência MG	
BNCC	
EF08HI01 - Identificar diferentes formas de registro da história (fotografias, pinturas, escritos), compreendendo seus limites e potencialidades.	
EF08HI02 - Analisar diferentes fontes históricas, compreendendo que toda fonte traz um ponto de vista.	
EF08HI03 - Interpretar transformações e permanências nas sociedades por meio de documentos visuais e escritos.	
EF08HI04 - Avaliar a produção de narrativas sobre o passado considerando autoria, contexto e intencionalidade.	
EF08HI06 - Reconhecer o papel de diferentes grupos sociais nas transformações históricas, analisando também suas representações em imagens.	
Currículo Referência de Minas Gerais	
(HIS8.1) Analisar diferentes fontes históricas, incluindo fotografias, reconhecendo que elas são construções de memória e identidade.	
(HIS8.2) Identificar intencionalidades presentes em imagens e outras representações do passado.	
(HIS8.3) Ler criticamente fotografias históricas para compreender mudanças sociais, culturais e urbanas.	
(HIS8.4) Relacionar imagens a seus contextos históricos de produção.	
(HIS8.5) Utilizar linguagens diversas (incluindo visual) para construir interpretações históricas.	

Conhecimentos prévios necessários (conceitos dominados pelos estudantes):
Os estudantes já devem compreender ou ter sido introduzidos a:
• O que é História e o que são fontes históricas (textos, objetos, imagens). • Noções básicas de temporalidade: passado, presente, mudança, permanência.



- Compreensão inicial sobre diferentes linguagens no estudo da História (texto, imagem, mapa).
- Ideia de que toda fonte tem um autor e um contexto.
- Leitura simples de imagens (identificar elementos principais: quem aparece, o que está acontecendo, tempo e espaço).

Metodologia

1) Acolhida e Sensibilização (10 minutos)

- Apresentação da estagiária e o propósito de sua aula.
- Perguntar aos alunos o que sabem sobre fotografia e o que a ela tem a ver com a História.
- Mostrar diferentes modelos de câmeras fotográficas
- Cada aluno poderá folhear um livro: "Rui Barbosa Fotobiografia".

O objetivo desta etapa é gerar curiosidade nos alunos e convidá-los a começar a pensar como Fotografia e História se relacionam.

2) Contextualização teórica (10 a 15 minutos)

- O que é uma fonte histórica e quais tipos existem.
- Por que a fotografia é considerada uma fonte histórica importante.
- Fotografia como documento histórico.
- Exemplos de momentos da História do Brasil e do mundo registrados em fotos.
- Mostrar quais são os objetivos da aula.
- Contar uma brevíssima história da fotografia através da linha do tempo da Fotografia

O objetivo desta etapa é contar rapidamente a história da Fotografia, assim como contextualizar, através de explicações e imagens, como a fotografia é importante para a História e vice-versa.

3) Ilustração e Interpretação de Imagens (10 minutos)

- Falar em voz alta o contexto de três fotos internacionalmente famosas e que impactaram os espectadores, e como as imagens aparecem, e pedir que os alunos se manifestem sobre como é a foto, (como a visualizam).
- Explicar teoricamente, o que observar numa foto e o que interpretar.
- Analisar e interpretar junto com os alunos uma foto famosa, cuja imagem é conhecida em todo planeta, falando sobre seu contexto e sua importância

O objetivo desta etapa é possibilitar aos alunos visualizarem, identificarem e analisarem as fotos mais famosas do planeta, que descrevem situações vividas no passado ou no presente que retratam uma realidade ou acontecimentos históricos vividos em algum lugar do planeta.

4) Atividade prática de análise (10 minutos)

Em duplas os alunos irão:

- Observar uma fotografia que mostra uma imagem de um acontecimento histórico.
- Criar uma hipótese sobre o que aconteceu, imaginar o contexto, as personagens, o que o fotógrafo quis mostrar com a imagem, bem como os sentimentos mobilizados pela mesma.
- Apresentar para a turma suas considerações.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CURSOS DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Estágio Supervisionado



O objetivo desta etapa é fazer os próprios alunos entenderem o que estão vendo, analisarem e perceberem a conexão e o poder de entender a História através da fotografia.

5) Considerações Finais (5 minutos)

- Fazer um resumo sobre a união entre Fotografia e História, as implicações de uma sobre a outra.
- Agradecimentos.

O objetivo desta etapa é ratificar a importância das duas disciplinas (História e Fotografia) uma para a outra e para o entendimento dos estudantes de História sobre os fatos e acontecimentos históricos passados e contemporâneos

Recursos Didáticos

- Voz
- Fotografias
- Câmeras
- Livro
- Slides
- Projetor
- Computador
- Internet

Avaliação

Os alunos serão avaliados na participação da atividade prática de análise da imagem (etapa 5)

Referências

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular

BNCC. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>

FENELON, Déa Ribeiro. História & Ensino de História. São Paulo: Contexto, 1982.

KOSSOY, Boris. Fotografia & História. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e História: possibilidades de análise. Tempo, v. 1, n. 2, 1996.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história – interfaces. Tempo, v. 8, n. 15, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2011.

ANEXO B – PLANO DE AULA (OFICINA)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CURSOS DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Estágio Supervisionado



Plano de Aula					
Escola:	Escola Estadual Segismundo Pereira				
Disciplina:	História				
Professor(a) responsável:	Tamyris				
Estagiário(a):	Flávia Renata Martins				
Ano (série):	8º	Nível:	Fundamental	Turno:	Vespertino
Turma(s): 10					

Data(s) da(s) aula(s):	Horário(s) da(s) aula(s):
27/11/2025	13:00 às 13:50
	15:50 às 16:40

Tema (Unidade Temática)
Quando a História Vira Imagem: aprendendo com fotografias (Oficinas)

Objeto(s) de Conhecimento previsto(s) na BNCC e no Currículo Referência MG
BNCC: - História como construção, com diferentes versões, interpretações e narrativas. - Imagens como representações que ajudam a construir sentidos sobre o passado. - Memória individual e coletiva como forma de compreender experiências históricas. - O cotidiano como objeto histórico e como registro de experiências. Currículo Referência de Minas Gerais - Estudo da linguagem visual e seu papel na construção da memória. - A escola como espaço de memória. - Compreender o cotidiano como espaço de experiência e transformação histórica. - Análise de fotos e registros sobre práticas sociais, cultura e modos de vida. - Imagens como forma de expressar visões de mundo e experiências.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CURSOS DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
 Estágio Supervisionado



Objetivos

Objetivo geral:	Compreender como as fotografias e imagens constroem significados sobre a História, a memória e a experiência humana, articulando os conceitos de Étienne Samain com práticas de produção fotográfica, interpretação e reflexão, para desenvolver um olhar crítico, sensível e consciente sobre o seu passado familiar e o seu cotidiano na escola.
------------------------	--

Objetivos específicos:	• Reconhecer a fotografia como linguagem, representação e construção de sentido. • Entender que as imagens não apenas mostram, mas narram, selecionam e moldam nossa percepção da realidade. • Perceber como as imagens preservam memórias individuais e coletivas. • Exercitar um olhar criativo, respeitoso e crítico sobre si mesmo, o outro e os espaços que ocupam. • Reconhecer através de fotos a história de uma pessoa, bem como dos espaços que ela ocupa.
-------------------------------	---

Habilidades Previstas na BNCC (com código), Currículo Referência MG
--

BNCC:	EF08HI02 - Interpretar e relacionar diferentes registros e representações do passado (textos, imagens, fotografias, mapas), compreendendo que narrativas históricas são construídas. EF08HI04 - Compreender e analisar o papel da memória individual e coletiva como forma de interpretar experiências históricas, culturais e sociais. EF08HI05 - Relacionar elementos da cultura material e da cultura visual (incluindo fotografias) à compreensão de modos de vida e experiências de diferentes grupos.
Currículo Referência de Minas Gerais	EF08HI04 - Compreender a importância da memória individual e coletiva na construção das identidades. EF08HI08 - Analisar aspectos do cotidiano como objeto de estudo da História.

Conhecimentos prévios necessários (conceitos dominados pelos estudantes):	Os estudantes já devem compreender ou ter sido introduzidos a:
--	--

- O que é História
- Noções básicas de temporalidade: passado, presente, mudança, permanência.
- Compreensão inicial sobre diferentes linguagens no estudo da História (texto, imagem, mapa).
- Conceitos como: identidade, social, memória, cultura.

Metodologia

1) **Acolhida e sensibilização** (5 minutos)

- Reapresentação da professora.
- Perguntar o que lembram da aula teórica sobre o tema.

Perguntas disparadoras:

- Uma foto conta história? O que ela mostra?
- Por que fotografamos?

Objetivo: Preparar o grupo para pensarem a fotografia como uma linguagem.

2) **Apresentação dos conceitos de Etienne Samain sobre imagem:** (15 minutos)

- Breve biografia sobre o autor.
- A imagem como um texto visual que fala.
- A imagem como uma linguagem.
- As imagens como janelas culturais.
- A fotografia como “máquina de memória”
- A imagem convocando o imaginário.
- A imagem como fonte histórica.
- A imagem como construção do conhecimento.
- A imagem como um encontro.

Introduzir a ideia de que a imagem não é neutra e que a fotografia é um modo de contar histórias, alinhado ao pensamento de Samain.

3) **Apresentação de conceitos sobre memória** (5 minutos)

- Memória individual
- Memória coletiva

Objetivo: Preparar os alunos para compreender que fotografias preservam memórias e identidades, relacionando memória e fotografia com a experiência concreta deles.

4) Parte prática: **Atividade 1** (25 minutos)

FOTO DE FAMÍLIA

- Em dupla os alunos vão trabalhar, cada um, com a foto de sua família, que escolheram levar para a oficina.
- Responderão 5 perguntas baseados na imagem da família do colega.
- Em seguida destrocarão as fotos e ficarão com as originais de sua família.
- Responderão a 3 perguntas contando a história real da imagem.
- Conversarão sobre como foi a experiência.

Objetivo: Desenvolver respeito e sensibilidade ao lidar com memórias pessoais, além de mostrar que uma foto pode revelar e ocultar sentidos (Samain).

5) **Atividade 2** (15 minutos)

TIRANDO FOTOS

- Em duplas, os alunos usarão as câmeras de seus aparelhos celulares e tirarão fotos um do outro.
- Em seguida responderão a 6 perguntas sobre o ato de fotografar e serem fotografados, como se sentiram em cada situação.

Objetivo: Neste exercício os alunos experimentarão as diferentes sensações e sentimentos entre fotografar e ser fotografado.

6) Atividade 3 (20 minutos)

FOTOGRAFANDO O ESPAÇO DA ESCOLA

- Os alunos serão convidados a fazer uma exploração visual pelos espaços da escola.
- Com suas câmeras (celulares) irão, individualmente, registrar em imagens, lugares, objetos da escola que mais contem a sua história no contexto escolar.
- Em seguida voltarão para a sala e escolherão a imagem que mais representa sua história na escola.
- Responderão o porquê de terem escolhido tal imagem.

Objetivo: Os alunos poderão relacionar memória coletiva e individual com a memória do lugar (escola), podendo assim desenvolver a consciência do cotidiano e do lugar como documento histórico através da foto.

7) Compartilhamento e fechamento do trabalho (15 minutos)

- Os alunos serão convidados a compartilhar com todo o grupo as fotos que tiraram, bem como as experiências vividas, o aprendizado da construção de sua própria história e a conscientização deste processo através das diferentes imagens (trazidas ou produzidas por eles).
- Pergunta final: como a imagem conta história?
- Fechamento e agradecimento.

Objetivo: Etapa para consolidar o aprendizado.

Recursos Didáticos

- Voz
- Computador
- Slides
- Projetor
- Aparelhos celulares
- Fotografias
- Fichas de perguntas e respostas
- Caneta
- Internet

Avaliação

Os alunos serão avaliados em sua participação durante as atividades.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. *Currículo Referência de Minas Gerais*. 2018.

SAMAIN, Étienne. *O que é um documento fotográfico?* Campinas: Unicamp, 2012.

SAMAIN, Étienne. *A imagem e a memória: ensaios sobre fotografia, antropologia e história*. Campinas: Papyrus, 2014.

SAMAIN, Étienne (Org.). *Como pensam as imagens*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

SAMAIN, Étienne. “Olhar, memória e narrativa”. In: KOSSOY, Boris; SAMAIN, Étienne. *A fotografia e a vida cotidiana*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.